

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA**  
**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE E DO MEIO**  
**AMBIENTE**

**MARCELO DANTAS DE BRITTO**

**HISTÓRIA DO BASQUETEBOL EM VOLTA REDONDA: O VÍDEO**  
**COMO METODOLOGIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**VOLTA REDONDA**  
**2014**

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA**  
**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE E DO MEIO**  
**AMBIENTE – UniFOA**

**HISTÓRIA DO BASQUETEBOL EM VOLTA REDONDA: O VÍDEO**  
**COMO METODOLOGIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Dissertação de Mestrado apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre no Programa de Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde do Meio Ambiente.

Aluno:  
Marcelo Dantas de Britto  
Orientador:  
Prof. Dr. Marcelo Paraíso Alves

**VOLTA REDONDA**  
**2014**

Meus agradecimentos aos meus pais, que demonstraram a certeza no meu futuro profissional, pelo amor irrestrito e pela confiança em todos os momentos da minha vida. À minha esposa, filhas e netos, por a cada dia fortalecer minha perseverança na busca do resultado final. Ao meu amigo e orientador Prof. Dr. Marcelo Paraíso Alves pela sua dedicação incontestável na minha dissertação.

Agradeço a todos os meus amigos pela cumplicidade nas horas difíceis, pois só a força da amizade de quem entende o que significa buscar esta conquista, pode trazer bons frutos.

Agradeço aos personagens que fizeram história no basquetebol de Volta Redonda, sem eles este estudo não teria sentido.

E finalmente a DEUS, por possibilitar superar todos os obstáculos que apareceram no percurso da vida.

## RESUMO

A disciplina Educação Física (EF) emerge no final do século XIX, no Brasil, marcada por uma concepção anátomo-fisiológica em que priorizava a constituição de um sujeito forte, robusto, limpo, habilidoso, performático. Não fugindo a esse processo, a formação dos docentes na década de 1980, emerge de um contexto sócio-histórico influenciado diretamente pela ditadura militar. É importante salientar que tanto o Tecnicismo, na educação, quanto o Competitivismo na EF, buscavam a eficiência, a eficácia, a produtividade, a memorização, como conceitos basilares das ações pedagógicas realizadas. Diante do exposto a investigação buscou as seguintes problematizações: como se desenvolve o processo de ensino e aprendizagem da História do Basquetebol nas escolas? Qual a relação das práticas esportivas locais com os fatos e acontecimentos ligados ao Basquetebol? Até que ponto o professor de Educação Física ao trabalhar com o conteúdo de Basquetebol, prioriza e valoriza as práticas esportivas realizadas historicamente em âmbito local? Assim, o objetivo geral do trabalho caminha no sentido de compreender os pressupostos teóricos da racionalidade moderna e as suas consequências para o ensino da Educação Física Escolar, mais especificamente do ensino do Basquetebol nas escolas públicas de Volta Redonda, estado do Rio de Janeiro. Como ações específicas a pesquisa desenvolveu os seguintes movimentos: discutir o desperdício da experiência e as consequências no ensino da história do Basquetebol; investigar o ensino da história do Basquetebol na rede municipal de Volta Redonda; identificar nos documentos referentes à história do Basquetebol no município de Volta Redonda, nas décadas de 1950 e 1960, indícios da experiência dos sujeitos em diversas competições; criar um produto em formato de DVD intitulado – O Basquetebol de Volta Redonda: uma história para ser recontada e re-conhecida. A metodologia utilizada nesse trabalho desenvolveu-se por intermédio de quatro ações complementares: primeiro, a revisão da literatura. A segunda ação por meio de pesquisa de campo com 50 professores da rede municipal de ensino de Volta Redonda. A terceira ação se desenvolveu por intermédio de entrevistas com sete sujeitos que atuaram como atletas do município. E, por fim, a quarta ação metodológica, a criação do DVD com a história do basquetebol de Volta Redonda, nos anos de 1950 e 1960.

Palavras-chave: Ensino do Basquetebol; Educação Física; Escolar.

## **ABSTRACT**

At the end of the 19th century, Physical Education emerges as a school subject. At that time, there was an anatomical and physiological conception that individuals of this field were supposed to be strong, robust, clean, and skilled. Besides that, professors who got a degree in Physical Education during the 80's were directly influenced by the military dictatorship. It is important to mention that not only technicalities, in education, but also, competition, in physical education aimed at efficiency, efficacy, productivity, and memorization as concepts of pedagogical actions accomplished. In face of what was exposed so far, we noticed the following issues: How can one teach about the Basketball History in schools? What is the relationship between the local sports practiced and the facts related to basketball? And how far should a physical education teacher go to teach basketball? Should this teacher prioritize and enrich the history? Thereby, the goal of this paper aims at understanding the theories of modern rationality and its consequences to the physical education subject in schools, more specifically basketball in public schools of Volta Redonda. Specific actions were implemented, such as: a debate about the waste of experience and its consequences to the basketball history; investigation of the history of basketball in public schools in Volta Redonda; identification of documents related to the history of basketball in public schools in Volta Redonda during 50's and 60's, and if there were any competition experienced then; create a DVD format product named "Volta Redonda Basketball: a story to be told and known". Four complementary actions were used in this paper: first, reviewing of literature. Second, studying 50 public schools teachers in Volta Redonda. Third, interviewing 7 athletes who were part of the history of basketball in Volta Redonda. And last, the creation of the DVD, as mentioned before, contained the history of basketball in Volta Redonda during the 50's and 60's.

**Keywords:** Teaching; Basketball; Physical Education

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>2. METODOLOGIA .....</b>	<b>11</b>
<b>3. RACIONALIDADE MODERNA E A VALORIZAÇÃO DA RAZÃO: O DESPERDÍCIO DA EXPERIÊNCIA .....</b>	<b>13</b>
<b>4. CONTEXTUALIZANDO O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA ..</b>	<b>23</b>
<b>4.1 O pensamento médico higienista: influências na Educação Física do Brasil ....</b>	<b>24</b>
<b>4.2 Militarismo.....</b>	<b>36</b>
<b>4.4 Competitivismo .....</b>	<b>46</b>
<b>5. ABORDAGENS ATUAIS DA EDUCAÇÃO FÍSICA: MOVIMENTOS RENOVADORES .....</b>	<b>55</b>
<b>5.1 A Abordagem Crítico Superadora: a importância da historicidade na construção de uma Educação na perspectiva da Cultura Corporal .....</b>	<b>59</b>
<b>6. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>68</b>
<b>7. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO .....</b>	<b>82</b>
<b>7.1 Metodologia do produto.....</b>	<b>83</b>
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>89</b>
<b>9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>92</b>
<b>10. ANEXOS .....</b>	<b>98</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A disciplina Educação Física emerge no final do século XIX marcada por uma concepção anátomo-fisiológica em que se priorizava a constituição de uma pessoa forte, robusta, limpa, habilidosa, performática Soares (2002). Em decorrência desse objetivo, a formação dos profissionais deste campo do conhecimento, no processo de longa duração, também sofreu a interferência de tal concepção.

Não fugindo a esse processo, a formação dos professores na década de 1980, sofreu a influência do contexto sócio-histórico era influenciado diretamente pela ditadura militar. Se no campo da Educação, no período citado, a intervenção do pensamento técnico-burocrático criou o que se convencionou denominar de Tecnicismo (Tendência Pedagógica da Educação Brasileira), na área da Educação Física a tendência que serviu como referência no processo de formação de professores foi o Competitivismo.

É importante salientar que tanto o Tecnicismo quanto o Competitivismo, buscavam a eficiência, a eficácia, a produtividade, a memorização, como conceitos basilares das ações pedagógicas realizadas. Especificamente, com relação ao professor de Educação Física, buscava-se no processo de seleção de candidatos, por intermédio do teste de aptidão física, os mais aptos, fortes saudáveis e habilidosos.

Nesse contexto social, político, econômico e cultural iniciou-se o processo de formação docente, influenciado pela prática vivenciada no Basquetebol, e impulsionado pela utópica vontade de querer multiplicar as aprendizagens obtidas com o Basquetebol.

Com a experiência adquirida em 23 anos de prática docente percebi que existe um fator desprezado pelos profissionais de Educação Física: a história local.

Entretanto, em 2007, ao se ter início na carreira acadêmica de docente do Curso de Licenciatura em Educação Física, mais especificamente na disciplina de metodologia do Basquetebol, depara-se com as seguintes questões: como se

desenvolve o processo de ensino e aprendizagem da história do Basquetebol nas escolas? Qual a relação das práticas esportivas locais com os fatos e acontecimentos ligados ao Basquetebol? Até que ponto o professor de Educação Física ao trabalhar com o conteúdo de Basquetebol, valoriza as práticas esportivas realizadas historicamente em âmbito local?

Assim, cabe esclarecer que vivenciei, na década de 1980, uma Educação Física que evidenciava uma profunda mudança em seu fazer pedagógico, dentro do ambiente escolar.

Os paradigmas desta área começaram a ser analisados e repensados na busca de possíveis caminhos que pudessem levar a um desprendimento da visão do conservadorismo, que até o momento, incorporava no seu contexto. Neste período, a referida área, começava a direcionar um pensamento crítico para mudanças, ampliações e aprofundamentos, que pudessem aproximar-se de uma maior contribuição para a cultura corporal.

Bracht (1999, p.78) menciona que “toda a discussão realizada no campo da pedagogia, sobre o caráter reprodutor da escola e sobre as possibilidades de sua contribuição para uma transformação radical da sociedade capitalista, foi absorvida pela Educação Física”.

Sendo assim a prática pedagógica da Educação Física, buscava sua identidade, objetivando mudanças que pudessem quebrar o paradigma conservador e, talvez, buscar um paradigma renovador. Essa era uma busca por subsídios que pudessem modificar o que acontecia com a Educação Física, esta área passava por um processo de grandes mudanças, que influenciada por algumas tendências, procurava sua nova identidade. Essas mudanças resultariam em novas possibilidades pedagógicas, com capacidade para novos horizontes.

O Coletivo de Autores (1992, p. 33) menciona, por exemplo, que a Educação Física Escolar deve ser desenvolvida “dentro de um quadro de referências filosóficas, científicas, políticas e culturais. A essa construção teórica dá-se o nome de paradigma”.



Os movimentos que contribuíram para a renovação da Educação Física na década de 1980 foram: a psicomotricidade com sua busca pelas possibilidades, dentro do desenvolvimento humano, para perceber, atuar e agir com o outro, com os objetos e consigo mesmo, o humanista que se baseava na presença de princípios filosóficos em prol do ser humano, na sua identidade e no valor, e por último uma tendência denominada Esporte para todos que tinha como grande característica o movimento alternativo ao esporte de rendimento. Esses movimentos trouxeram uma nova perspectiva para esta área de conhecimento, quando a mesma começa a configura-se como uma área do conhecimento voltada para a cultura corporal.

No intuito de entender um pouco mais sobre tal concepção, precisamos compreender que a Educação Física na atualidade tem uma gama de propostas pedagógicas bem diversificadas, mas que sofreu influências históricas inclusive com características advindas da aptidão física e esportiva.

Muitos profissionais não exploram ou não possuem conhecimento de tais propostas pedagógicas da área e, ainda vislumbram uma Educação Física promotora de grandes resultados dentro de competições.

Nestas circunstâncias nos deparamos com oportunos questionamentos voltados para a Educação Física escolar: Qual o motivo do afastamento durante as aulas de Educação Física? Até que ponto os alunos buscam no seio da Educação Física na escola a reprodução da prática corporal realizada em academias, clubes e projetos esportivos? Qual o sentido e o significado da prática esportiva dentro da escola?

Assim, o objetivo geral do trabalho caminhou no sentido de compreender os pressupostos teóricos da racionalidade moderna e suas expressões para a Educação Física Escolar, mais especificamente para o ensino do Basquetebol na escola em Volta Redonda. Como objetivos específicos, a pesquisa desenvolveu as seguintes ações: Discutir os pressupostos da razão moderna e as consequências no ensino da história do Basquetebol; Investigar o ensino da história do Basquetebol na rede municipal de Volta Redonda; Identificar nos documentos referentes a história do Basquetebol no município de Volta Redonda, na décadas de 1950 e 1960, indícios da experiência dos sujeitos em diversas competições; Criar um produto em

formato de DVD – O Basquetebol de Volta Redonda: uma história para ser recontada e re-conhecida -, com perfil de um documentário, contendo aspectos históricos do Basquetebol em Volta Redonda.

## 2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho desenvolveu-se por intermédio de quatro ações complementares: Primeiramente fez-se um estudo de campo fundado em uma abordagem de cunho qualitativo. Essa ação exige o entretimento da revisão da literatura.

Para Minayo, Deslandes e Gomes (2007), por sua importância, o trabalho de campo deve ser realizado a partir de referenciais teóricos, para posteriormente realizar-se a articulação ou leitura dos dados empíricos.

Nesse sentido, buscou-se, com este procedimento metodológico atingir o objetivo inicial do trabalho, compreender o paradigma moderno e o ensino da Educação Física no Brasil.

A segunda ação se desenvolveu na direção do objetivo de investigar o ensino do Basquetebol nas escolas, da rede municipal de ensino de Volta Redonda. O procedimento utilizado foi o questionário com perguntas abertas e fechadas para professores da rede municipal de ensino de Volta Redonda. A rede municipal possui 50 professores de Educação Física e os questionários aplicados atingiram 32 professores.

O questionário foi submetido ao comitê de ética e o mesmo contribuiu com suas considerações referentes aos questionamentos direcionados aos entrevistados..

A estratégia de utilização de um questionário com perguntas abertas e fechadas teve como proposta a ampliação de coleta de dados, já que perguntas fechadas, por serem padronizadas e de fácil aplicação, se tornam fáceis de codificar e, complementando o questionário, as perguntas abertas possibilitam recolher informações mais ricas, pois permite respostas mais livres e variadas dos fatos investigados (CERVO; BERVIAN, 2002).

No terceiro momento, as ações se desdobraram no sentido de produzir dados empíricos que nos permitiram atingir dois objetivos da pesquisa (Investigar a história do Basquetebol de Volta Redonda; Identificar documentos referentes a história do

Basquetebol no/do município de Volta Redonda na década de 1950 e 1960). Para tal ação procurou-se realizar a história oral, por meio de entrevistas utilizando roteiro com perguntas semi-estruturadas. As entrevistas foram realizadas com sete sujeitos que atuaram como atletas nas décadas de 1950 e 1960, sendo estes atletas parte da representação esportiva em Volta Redonda.

Os sujeitos incluídos no produto foram atletas com experiências, na referida modalidade esportiva, em competições estaduais, nacionais e, no caso de alguns, internacionais, que representaram Volta Redonda em grandes eventos desta modalidade.

Segundo Cervo e Bervian (2002), a entrevista é um instrumento utilizado por pesquisadores, pois a mesma nos permite obter dados que não são encontrados em registros e fontes documentais e esses podem ser fornecidos por sujeitos que vivenciaram fatos, no caso deste estudo, a história local do Basquetebol. Em decorrência as perguntas semiestruturadas têm por objetivo facilitar ao pesquisador o controle das perguntas e conseqüentemente o alcance das respostas.

Para os autores, a entrevista semiestruturada deve ser elaborada, com perguntas que estabeleçam um roteiro, permitindo ao pesquisador acessar os conflitos, interesses e tensões, que cercam a temática a ser investigada, no caso específico desta pesquisa, o Basquetebol em Volta Redonda nas décadas de 1950 e 1960. Por ter um apoio claro na sequência das questões, essa entrevista facilita a abordagem e, assegura sobretudo, aos investigadores menos experientes, que suas hipóteses ou seus pressupostos sejam cobertos na conversa (MINAYO, 2010).

E, por fim, a quarta ação metodológica, é a criação do DVD com os fatos e personagens que marcaram a história do basquetebol de Volta Redonda, nos anos 50 e 60. Todo esse acervo estará reunido neste produto, que poderá ser disseminado nas escolas do município de Volta Redonda, como um apoio metodológico para o ensino na disciplina de Educação Física, especificamente para o conteúdo de Basquetebol, permitindo um enriquecimento das ações pedagógicas dos profissionais dessa área.

A intenção foi utilizar fotos, depoimentos e imagens que trazem a veracidade ao conteúdo, originando possíveis formas de compreensão da realidade desses sujeitos e, com isso, possibilitar ao aluno uma absorção do conhecimento, para que o mesmo vislumbre uma perspectiva em relação à prática esportiva.

### 3. RACIONALIDADE MODERNA E A VALORIZAÇÃO DA RAZÃO: O DESPERDÍCIO DA EXPERIÊNCIA

Partindo do pressuposto de que sofremos a influência dos espaços estruturais que vivenciamos, é importante mencionar que a minha formação docente sofreu influência de diversos espaços conforme exposto: o espaço doméstico, espaço de produção, espaço de mercado, espaço de comunidade, espaço de cidadania e o espaço mundial (SANTOS, 2002).

Assim, ao considerar tal perspectiva, percebo a influência de um ex-atleta, técnico, árbitro e professor do Ensino Fundamental e Médio, de várias escolas públicas e particulares. Somado a toda essa complexidade, a prática aplicada a essa modalidade está mergulhada nas histórias de vida de personagens que marcaram a construção da memória do basquetebol no município de Volta Redonda: uma possível história local. Interferência de pessoas comuns (Certeau, 1994) que vivenciaram momentos significativos para a construção do Basquetebol em um determinado tempo/espaço.

Essas práticas corporais, até hoje, estão na memória das pessoas que vivenciaram o Basquetebol no município, por meio das conquistas e derrotas desse esporte nas competições esportivas, influenciando a construção de um complexo esportivo. Este tornou-se referência na região Sul Fluminense ao longo de todo esse período (Recreio do Trabalhador Getúlio Vargas), por meio do fomento à prática esportiva, e do intercâmbio esportivo e cultural, dentre outras inúmeras formas de influência social.

É relevante salientar que, até o período de realização deste estudo, não se pensava em promover junto aos discentes, os quais leciono, momentos de diálogo e convivência com essas pessoas: vê-los jogar, participando de treinos, de competições ou convidá-los para *narrar* suas memórias, saborear, sofrer e vibrar com os momentos de glória, por intermédio das *experiências vividas* por essas pessoas simples, comuns, o denominado sujeito ordinário de Certeau (1994). Com relação ao exposto, Benjamin (1994) tece o seguinte comentário:

A arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. O conselho tecido na substância

viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definindo porque a sabedoria - o lado épico da verdade - está em extinção (BENJAMIN, 1994, p. 197).

Pode-se imaginar como o conteúdo da Educação Física - especificamente na proposta de ensino do Basquetebol - seria enriquecido com a inclusão das memórias e experiências dessas pessoas que vivenciaram a história local?

A partir dessa ótica, os antigos jogadores que viveram no anonimato tornar-se-iam conhecidos, e, quem sabe, serviriam de exemplo e motivação para os alunos, seja no momento de sua escolha pela prática esportiva, bem como ao assumirem a posição de atores sociais que construíram a história local. Portanto, com relação às memórias e experiências, busca-se salientar a utilização desses aspectos como fatores significativos no processo de ensino e aprendizagem do Basquetebol.

Nos dias atuais, quando nos deparamos com algum desafio, ou a necessidade de aquisição de novos conhecimentos, acarretando na obrigação da busca de maiores informações que ilustrem uma aula, palestra ou algo similar, recorreremos ao que atualmente existe e permite maior agilidade e rapidez: a informação, a internet.

Nela basta digitarmos uma ou duas palavras para se ter acesso a milhares de informações sobre o assunto. Por exemplo: ao digitar a palavra “basquetebol”, a internet oferecerá dados variados sobre o tema: o histórico da modalidade, James Naismith como inventor do basquetebol em 1891, o primeiro alvo utilizando cestas de pêssigos, as primeiras regras, conquistas da seleção brasileira, jogadores que se destacaram no cenário nacional e internacional, dentre outros. Todas as fontes nos levam às mesmas informações, uma espécie de conteúdo único e acabado, sem intenção de promover aberturas para novidades. Para Benjamin a informação trabalha na seguinte ótica:

Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio. Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação (1994, p.203).

Para Benjamin (1994) existem duas tipologias de narradores: os viajantes, que por conhecerem diversos lugares possuem a capacidade de narrar paisagens, acontecimentos e detalhes do percurso e, os que vivenciaram um mesmo espaço por um período longo de tempo desencadeando assim as formas narrativas que conhecemos. Com isso, destaca-se o valor da experiência vivida por alguém e também presenciada como estrutura primordial da narrativa, em nosso caso os ex-jogadores de Basquetebol e suas vivências no município de Volta Redonda.

Muitas das vezes depara-se com a perspectiva de nos aprofundarmos em conteúdos que não se domina, dessa forma assume-se o compromisso de maiores responsabilidades, mais estudos. Sendo assim, ou ensina-se o básico disponibilizado em literaturas específicas e na internet, ou busca-se enriquecer os ensinamentos de maneira singular. Mas, como encontrar essa possibilidade? Qual o aspecto que poderia construir essa história local? Algum fato dentro do Basquetebol pode servir de fonte do saber para os alunos? Seria possível encontrar jogadores que possuam memórias a serem narradas, na tentativa de construir parte da história local? Existem jogadores, em Volta Redonda, que foram destaque no Basquetebol? Seria a narrativa na perspectiva de Benjamin (1994) uma possibilidade de diálogo no campo da Educação Física?

As experiências dos jogadores, isoladamente ou em grupos, deveriam ser contempladas e visibilizadas. A questão central é que a sociedade atual, não privilegia esse saber, pois a razão indolente<sup>1</sup> considera como conhecimento, os saberes que emergem das seguintes gnosés: conhecimento científico, a história hegemônica, escrita por um especialista, dentre outras formas padronizadas (SANTOS, 2002).

De acordo com Santos (2006), essa razão emerge na sociedade atual em quatro formatos: a razão impotente; a razão arrogante; a razão metonímica e a razão proléptica.

---

<sup>1</sup> Razão Indolente – Racionalidade predominante que busca se tornar hierarquicamente superior a outros saberes. É uma razão preguiçosa, que se considera única e exclusiva, e que não se exercita para perceber a riqueza inesgotável do mundo (SANTOS, 2007).



Dentre essas razões a que se aplica nesse estudo, é a razão metonímica, “que se reivindica como a única forma de racionalidade e, por conseguinte, não se aplica a descobrir outros tipos de racionalidade ou, se o faz, fá-lo apenas para torná-las matéria prima” (Santos, 2006, p. 95-96). O que se busca salientar é a tendência que se tem em desprezar as histórias locais como formas de saber, privilegiando histórias hegemônicas que viajam no tempo e no espaço, subalternizando outras culturas.

Santos (2002) ainda considera que a razão indolente como conhecimento hegemônico, seja ele o filosófico ou científico, é o produzido no Ocidente. Portanto, conhecimentos produzidos em outros contextos sociais e culturais são descartados e invisíveis. Segundo Santos (2007, p. 29) “há fabricação de não existência toda vez que uma determinada entidade é desqualificada e tornada invisível, ininteligível ou descartável de uma maneira irreversível”.

Assim, neste estudo, considerou que a monocultura do saber formal e do rigor do saber parte do Basquetebol americano que se coloca, a princípio, como o único saber válido e rigoroso. Para Santos (2010) essa seria a maneira mais poderosa de fabricação da não existência: pensamento abissal.

Essa ótica, por ter como base a transformação da ciência moderna e da alta cultura em critérios únicos de verdade e de qualidade, acaba por excluir qualquer outra forma de prática que não se aproxime de seu modelo. Assim, as práticas sociais cotidianas, aqui denominadas de histórias locais, acabam se tornando invisíveis e consideradas muitas vezes como desprovidas de conhecimentos. Na perspectiva do pensamento hegemônico, as práticas cotidianas tecidas pelos sujeitos em suas culturas são consideradas simplesmente como transmissoras de conhecimentos que lhes são externos.

Portanto, a ciência moderna e a razão indolente assentam-se no pressuposto de que o conhecimento válido é o conhecimento hegemônico, deixando de “fora” ou tornando inexistente a experiência daquele que vivenciou tais acontecimentos: o jogador de basquetebol. Parte-se do pressuposto de que o docente não deve ignorar o jogador que vivenciou um episódio, pois o seu relato pode acrescentar múltiplos

aspectos de sua forma de perceber a realidade vivida, enriquecendo, com detalhes, a construção das histórias locais.

O que se procura enfatizar é que sempre se está em busca da informação para se tentar acompanhar a corrida global, a caça incessante pelo que acontece de novo nos quatro cantos do planeta. A informação de ontem é passado, ela tem pouco valor, comparada com aquela que chega no dia de hoje. O mundo leva a se pensar assim: valorizar a nova informação e desprezar aquela que foi passada ontem, mesmo que ela verse sobre o mesmo tema. E se essas informações pudessem chegar aos alunos por intermédio das narrativas das pessoas que a vivenciaram? Presenciar-se-ia no outro as suas angústias, alegrias, tristezas e, talvez, a informação perdesse a capacidade de se tornar invisível aos outros conhecimentos. Para Benjamin (1994) a informação,

só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver (1994, p.204).

Cada docente deveria percorrer um caminho metodológico procurando se direcionar a partir de uma abordagem pedagógica da Educação Física. Alguns mesclam em suas aulas um conteúdo teórico, enredados por práticas que permitem uma construção pedagógica diferente de docentes que procuram transmitir conhecimentos apenas a partir de aulas expositivas.

Muitos profissionais ensinam um determinado conteúdo sem estabelecer uma relação com a produção local. A cidade ou região que o profissional atua, pode ter passado ou estar passando por fatos que marcaram ou irão marcar aquela modalidade para sempre. Será que esses acontecimentos não servem de contextualização para a teoria a ser ensinada? Será que o aluno, ao saber de algo que aconteceu ou está acontecendo, almeje participar ativamente e com isso construir a realidade como ser histórico?

Aprender conhecendo a história local pode dar ao discente uma possibilidade de estabelecer aprendizagens significativas, ou seja, construir conexões entre o conteúdo novo e o seu conhecimento prévio sobre o assunto, o que permitiria a

apropriação de determinados conteúdos por outros caminhos diferentes da perspectiva mecânica, linear, determinista, bancária (FREIRE, 1987).

No entanto, quando o aprendiz tem pela frente um novo corpo de informações e consegue fazer conexões entre esse material que lhe é apresentado e o seu conhecimento prévio em assuntos correlatos, ele estará construindo significados pessoais para essa informação, transformando-a em conhecimentos, em significados sobre o conteúdo apresentado.

Este estudo está fundamentado nos pressupostos teóricos de Boaventura de Souza Santos, especificamente nos seguintes conceitos: primeiramente a o desperdício da experiência, que procura contemplar as experiências massacradas pelo domínio do conhecimento científico, onde o mesmo se apropria do que é relevante no momento e exclui outros saberes. No caso deste estudo, a história local, está embasada em acontecimentos do passado, mas que podem ser resgatados e reposicionados adequadamente, para estruturar o que se quer ensinar ou aprender e, principalmente, tendo o cuidado com o presente, para que o mesmo não seja desperdiçado no futuro. O segundo conceito é o do pensamento abissal que consiste em entender o motivo da existência de uma linha divisória entre os conhecimentos. O terceiro é o epistemicídio, que o autor descreve como a morte dos conhecimentos alternativos e por último a ecologia dos saberes que visa à possibilidade de que a ciência possa dialogar com os saberes laico, popular, indígena e outros.

De acordo com Santos; Menezes (2010) por diversas vezes, por “ignorância”, não se considera críveis as narrativas e histórias locais construídas ao entorno e que favorecem de alguma maneira, experiências que para a sociedade atual tornam-se inexistentes devido ao imaginário do mundo moderno fabricado pela razão indolente. Para os autores, essa forma de compreensão de mundo divide a realidade a partir de uma linha demarcatória que classifica pessoas, experiências, comunidades e outros. Esse modelo hegemônico entende que:

As distinções invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo 'deste lado da linha' e o universo 'do outro lado da linha'. A divisão é tal que 'o outro lado da linha' desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente (SANTOS, 2010, p. 32).

Na intenção de contrapor tal imaginário do mundo moderno, Santos; Menezes (2010) propõem a “epistemologia do Sul” que intenciona recuperar os saberes e práticas dos grupos sociais que, por via do capitalismo e do colonialismo, foram histórica e sociologicamente postos na posição de ser tão só objeto ou matéria-prima dos saberes dominantes, considerados os únicos válidos.

Se de um lado da linha demarcatória encontra-se o conhecimento científico estabelecendo julgamento, valores e formas de comportamento, do outro lado, no caso específico deste trabalho, estão as histórias locais, esquecidas ou tornadas inexistentes, desperdiçadas.

Do outro lado da linha, não há conhecimento real; existem crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjetivos, que, na melhor das hipóteses, podem tornar-se objetos ou matéria-prima para a inquirição científica. Assim, a linha visível que separa a ciência dos seus “outros” modernos está assente na linha abissal invisível que separa de um lado, ciência, filosofia e teologia e, do outro, conhecimentos tornados incomensuráveis e incompreensíveis por não obedecerem, nem aos critérios científicos de verdade, nem aos dos conhecimentos, reconhecidos como alternativos, da filosofia e da teologia (SANTOS, 2010, p.34).

A ciência ou o conhecimento científico, pautado na perspectiva abissal, procura, visibilizar e se apropriar do Basquetebol produzido nos Estados Unidos, como uma forma totalitária da História dessa modalidade esportiva.

Partindo da ótica desse conhecimento – NBA (National Basketball Association - Associação Nacional de Basquetebol) – o único saber validado é o Basquetebol oficial reconhecido pelas Confederações, Federações e Ligas desportivas, portanto, o saber hegemônico como referência. A experiência social em todo o mundo é muito mais ampla e variada do que o que a tradição científica ou filosófica conhece e considera importante (SANTOS; MENEZES, 2010).

O desperdício da experiência está diretamente ligado ao paradigma moderno, que desconsidera os pequenos acontecimentos como fatos importantes e marcantes de uma determinada época.

O conhecimento hegemônico evidencia aquilo que para ele é relevante, que, na sua concepção, tende a ser importante para o mundo. A razão metonímica explica um pouco dessa apropriação. Por achar-se uma única forma de

racionalidade e, conseqüentemente, não se aplicar a novas descobertas, ela se entende como uma única referência.

A razão metonímica deixa uma lacuna ao perceber que as dicotomias poderiam ser exploradas separadamente, ou seja, falar do homem sem falar da mulher, falar do senhor sem falar do escravo, e porque não, falar das experiências globais estabelecendo relações com as experiências locais.

Tem-se uma concepção do presente que é contraída, precisamente porque a concepção da racionalidade que se possui não permite que se tenha uma visão ampla de nosso presente (SANTOS, 2007).

Santos (2007) ao discutir a razão indolente, nos permite perceber como se encontra a realidade escolar na sociedade contemporânea, especificamente na hierarquização dos conteúdos e como esses conteúdos estão disponibilizados disciplinarmente. Hoje o Basquetebol, enquanto um conteúdo da educação física escolar e, em decorrência, como um conhecimento que o aluno deva ter acesso, é concebido como um conhecimento universal que emerge dos Estados Unidos, o país inventor, o país berço dessa modalidade, esportiva, no mundo. Mas será que essa é a única forma de compreensão desta modalidade? Será possível reinventá-la de acordo com os interesses e necessidades locais, singulares em cada escola?

O conteúdo de uma determinada literatura é fruto do saber rigoroso e científico, que utiliza o que é básico para todos, e esse conhecimento básico do Basquetebol, parece ser suficiente para se falar ou pesquisar, principalmente aquele que advém dos Estados Unidos. O que aconteceu ou acontece por lá que demonstra ser interessante para todo o mundo, e com isso passa a ser, para o conhecimento científico, o primordial ou aquilo que é satisfatório para ser passado como ensinamento desta modalidade. No país do Basquetebol é explorado todo e qualquer fato relacionado a esta modalidade, da simples história de vida de uma atleta, até a sua trajetória profissional. As escolas, universidades e franquias, procuram explorar, ao máximo, tudo que envolve tal modalidade esportiva.

Nossa realidade constrói-se de maneira diferenciada quando se procura ensinar uma modalidade e debruça-se sobre o conhecimento científico deixando de

privilegiar as práticas sociais que emergem da história local – o Basquetebol da escola (CAPARROZ, 2005).

Estabelecer a mediação com a realidade singular e local permite o diálogo com os conteúdos possibilitando contextualizá-los, enriquecendo o conhecimento como algo significativo, talvez por permitir que o discente se perceba como parte integrante desse processo. Santos (2007) com relação à produção da inexistência tece o seguinte comentário:

Muito do que não existe em nossa realidade é produzido ativamente como não-existente, e por isso a armadilha maior para nós é reduzir a realidade ao que existe. Assim, de imediato compartimos essa racionalidade preguiçosa, que realmente produz como ausente muita realidade que poderia estar presente (p. 28).

Assim, pensar uma pedagogia do conflito, para Santos (1996), requer pensar outras formas de percepção da realidade, buscando diversas metodologias que permitam ao discente construir diferentes processos de aprendizagem, que neste estudo se estabelece a partir das narrativas e das memórias.

Outro aspecto a ser considerado é o conceito de epistemicídio: a morte de conhecimentos alternativos, que descreve a redução que o conhecimento científico estabelece para a realidade vivida por sujeitos ou grupos sociais (Santos 2007). Nessa redução é evidenciado apenas o que é importante para o mundo. Santos (2007) descreve a importância do conhecimento para o mundo como a sua transformação em monocultura.

Ao constituir-se como monocultura, destrói outros conhecimentos, produz o que chamo "epistemicídio": a morte de conhecimentos alternativos. Reduz a realidade porque "descredibiliza" não somente os conhecimentos alternativos mas também os povos, os grupos sociais cujas práticas são construídas nesses conhecimentos alternativos (p. 29).

Santos (2007) cita a sociologia das ausências, como uma maneira de explicar que se produz como ausente muito do que se poderia produzir estando presente. Ele conceituou uma divisão sobre a produção das ausências, em cinco monoculturas: a do saber e do rigor; do tempo linear; da naturalização das diferenças que ocultam hierarquias; a da escala dominante e a do produtivismo capitalista. Este estudo apropriou-se de duas delas, que têm uma ligação com a produção das ausências, melhor dizendo, com a falta de ênfase do existente.

As monoculturas estudadas com mais detalhes, são: a do tempo linear e da escala dominante. A primeira procura mostrar que a história só tem sentido, quando está baseada naquilo que acontece nos países desenvolvidos, ou seja, o que acontece por lá é, definitivamente mais progressista. A monocultura da escala dominante apóia-se no contexto da existência de um domínio sobre as coisas e é diretamente influenciada pela globalização.

Este contexto permite compreender, como a experiência é desperdiçada pela razão indolente, pois essa racionalidade desconsidera fatos importantes transformando-os em relíquias do passado, em coisas antigas, ultrapassadas, primitivas, sendo portanto, desprezados como formas de conhecimento, tornando-os inexistentes, e, por não possuírem valor como saber, esses fatos nunca serão credíveis.

Deste modo, torna-se fundamental a experiência no caso deste estudo, da memória do basquetebol local, que em muitos episódios é excluída do processo, tal como os fatos marcantes que fazem parte da história local, e que hoje estão no esquecimento, e que podem contribuir para algum tipo de reintervenção (Certeau, 1994), para uma maior contextualização de conteúdos no campo da Educação Física.

Essa idéia de que não são críveis gera o que chamo a subtração do presente, porque deixa de fora, como não-existente, invisível, "descredibilizada", muita experiência social. Se queremos inverter essa situação - por meio da Sociologia das Ausências, temos de fazer que o que está ausente esteja presente, que as experiências que já existem mas são invisíveis e não críveis estejam disponíveis; ou seja, transformar os objetos ausentes em objetos presentes. (SANTOS, 2007, p. 32)

As novas descobertas podem estar naquilo que já aconteceu e não se sabe ou não se soube explorar, ou seja, não procurou-se detalhar fatos marcantes, por, simplesmente, achar suficientes os dados que nos são passados pelas várias ferramentas disponíveis no mundo.

A reflexão é necessária de modo a se levantar problemas e soluções para as lacunas deixadas pela pouca exploração das experiências, sejam essas de uma determinada cultura ou de apenas um sujeito. Quantas passagens marcantes podem

ter acontecido dentro de um grupo? Como os sujeitos pertencentes a esses grupos perceberam essa realidade vivida?

A experiência contextualizada torna-se uma fonte de pesquisa, podendo ser explorada em diversos momentos, evidenciando a experiência local e permitindo apreender as pistas, os indícios, para a percepção de outras possibilidades de se compreender o real (GINZBURG, 1989).

Na intenção de contrapor à razão indolente e o desperdício da experiência, Santos (2007) propõe a ecologia dos saberes, como uma tentativa de buscar caminhos alternativos para que a ciência deixe de ser uma monocultura e passe a ampliar as suas possibilidades percebendo outros horizontes, procurando explorar outras experiências, dialogando com outros saberes existentes para além dos conhecimentos científicos. Aqui se procura evidenciar o diálogo com a memória e a história local, para que essas passem a ter um espaço dentro do contexto escolar, especificamente na Educação Física e o Basquetebol, no caso específico deste estudo.

Em relação aos aspectos supracitados, Santos (2007) aponta para:

uma ecologia mais ampla de saberes, em que o saber científico possa dialogar com o saber laico, com o saber popular, com o saber dos indígenas, com o saber das populações urbanas marginais, com o saber camponês. Isso não significa que tudo vale o mesmo. Somos contra as hierarquias abstratas de conhecimento, das monoculturas que dizem, por princípio, "a ciência é a única, não há outros saberes" (p.32).

Considerando-se o exposto, um dos caminhos percorrido foi buscar uma posição de destaque para outros saberes, entre eles a memória, que ao sair do anonimato ou do esquecimento, possa ocupar o seu espaço dentro do contexto escolar. Esses saberes, especificamente as histórias locais, podem tornar-se grande aliado para os temas a serem explorados, proporcionando um entendimento necessário para os alunos e que esses possam enxergar possibilidades de compreender o mundo.



#### 4. CONTEXTUALIZANDO O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA

No final do século XIX, em pequenos passos, a Educação Física vai se estruturando e conquistando importantes espaços de atuação dentro e fora do ambiente escolar. Os militares e médicos foram importantes na formação de uma base de organização e conhecimentos para a Educação Física.

Diversos autores elaboraram propostas de discussão histórica sobre as concepções de ensino no campo da Educação Física. Para Kunz (2001) as concepções que caracterizam a Educação Física são as seguintes: biológico-funcionais, formativo-recreativas, técnico-esportivas e a crítico-emancipatória.

A biológico-funcional prioriza essencialmente, como atividade de ensino o exercício físico. A formativo-recreativa cumpre a função de contribuir com a harmonização entre a personalidade e habilidades motoras, enfatizando uma relação de adaptação do sujeito à realidade social. A técnico-esportiva atua no sentido de buscar no esporte a hegemonia de sua prática como atividade física no âmbito escolar. Por fim, a crítico-emancipatória busca por meio de atividades relacionadas ao movimento humano, o desenvolvimento de competências como a autonomia, a competência social e a competência objetiva, intencionando instrumentalizar as pessoas para a partir dos saberes acumulados intervirem criticamente no mundo vivido.

Para o Coletivo de Autores (1992) o processo histórico é caracterizado no âmbito da escola por intermédio de diversas práticas corporais (jogos, ginásticas, dança, equitação), configurando tempos e espaços articulados aos sistemas nacionais de ensino com características de sociedade burguesa. Diante do exposto, os autores não estabelecem nomenclaturas para os diversos modos de ensinar a Educação Física, mas procuram ressaltar sumariamente os métodos que influenciaram as ações no decorrer da história.

Busca-se um aprofundamento na história da Educação Física, pois a partir da revisão da literatura identificou-se no Brasil uma diversidade de abordagens. Porém,

contrariamente a essa pluralidade percebe-se uma tendência hegemônica, nas práticas que privilegiam em quadras, ginásios, campos: o campo esportivo.

A Educação Física vislumbra outra realidade, um norte que desprenda esta disciplina dos rumos traçados pela influência médica e militar.

As concepções, que por algum tempo, nortearam a Educação Física, ainda perduram, mesmo que por alguns momentos, nas práticas aplicadas por alguns profissionais dessa área.

Mesmo com um quadro atual mais estruturado e com inúmeras possibilidades de sua prática, para construir uma história do ensino da Educação Física não basta reconhecer a sucessão linear de profissionais, professores, teóricos, nem exclusivamente listar métodos, práticas corporais ou técnicas esportivas, realizadas no transcorrer dos anos. Esse movimento não basta pelo reconhecimento de que a história se constrói, articulada por múltiplas relações de poder, políticas e na diversidade cultural em que está inserida.

Assim, reconhecendo a pluralidade em que está inserida a Educação Física, o presente capítulo pretende realizar uma breve revisão, para posteriormente adentrar na singularidade da história do Basquetebol de Volta Redonda.

#### **4.1 O pensamento médico higienista: influências na Educação Física brasileira**

O pensamento médico higienista adentra o espaço das práticas corporais no Brasil influenciado pelos estudos científicos advindos da Europa no final do século XIX (SOARES,2007).

As atividades ginastas tinham suas raízes nos procedimentos europeus, que utilizavam os princípios biológicos como sua base. Essas primeiras atividades práticas foram denominadas como o Movimento Ginástico Europeu e foi a primeira organização voltada para as atividades físicas, a serem aplicadas dentro do ambiente escolar.

Soares (2007) em um de seus estudos enfatiza que o aparecimento da classe dominante demonstrou a necessidade de investimentos na constituição de um homem novo, com capacidade de suportar ordens no âmbito político, social e econômico. A Educação Física como disciplina passa a ser viabilizada em todos os segmentos, onde poderia ser efetiva na construção desse novo homem, disciplinado e moldado para estar presente em todos os locais, no campo, nas fábricas, dentro do ambiente familiar e na escola.

A Educação Física emerge como disciplina no contexto da industrialização, tendo papéis específicos conforme estabelecidos a seguir:

A Educação Física será a própria expressão física da sociedade do capital. Ela encarna e expressa os gestos automatizados, disciplinados, e se faz protagonista de um corpo "saudável"; torna-se receita e remédio para curar os homens de sua letargia, indolência, preguiça, imoralidade, e, deste modo, passa a integrar o discurso médico, pedagógico familiar (SOARES, 2007, p. 6).

O ideal higienista começa a ter como referência a preocupação relativa à educação corporal, pois o grande número de deslocamentos da população rural para as cidades gerou inúmeros transtornos e a falta de infraestrutura resultou em graves problemas com relação à saúde dessa população. Nesse quadro, a classe médica começa a ampliar sua atuação na organização das cidades e na instituição de um comportamento saudável para a população (CHAVES e SILVA, 2012).

Nas décadas iniciais do século XIX, a economia europeia crescia vertiginosamente. Começavam a aparecer indícios da necessidade de mão de obra em grande escala, para operar em setores diferenciados de produção. O progresso trouxe a necessidade de trabalhadores com suas capacidades específicas para ocuparem as diferentes posições e cargos dentro da nova ordem social. Estava traçado o perfil da hierarquização, determinado pela função de produção por eles exercida nas diferentes classes sociais.

As evidências de outra realidade começavam a apontar para as desigualdades sociais, pois a nova sociedade, que se demonstrava igualitária e acessível, na verdade não o era para todos, somente alguns desfrutariam dessas consequências. Para muitos sobriaria a miséria, a degradação da vida e uma descaracterização do que ainda restava de humano na sociedade (SOARES, 2007).

A classe operária que crescia nos pardieiros, separadas de um processo “civilizatório”, começava a conscientizar-se de sua posição na sociedade, comprovados na revolução social, pela sua resistência e sua força. Com isso a classe operária começava a apontar como ameaça por sua organização e pelas epidemias que poderiam disseminar e atingir a burguesia. Esse momento merecia providências na reconstrução e aperfeiçoamento urbano, de forma mais consistente (SOARES, 2007).

Soares (2007) destaca que é nesse momento que a Educação Física é percebida como um dos instrumentos com capacidade de promover uma assepsia social, de viabilizar essa educação higiênica e de moralizar os hábitos:

A moralização sanitária na Europa de reorganizar o espaço de vida dos indivíduos. Seu discurso normativo veiculará a idéia de que as classes sociais vivem mal por estarem impregnadas de vícios, de imoralidade, por viverem sem regras. O discurso das classes no poder será aquele que afirmará a necessidade de garantir às classes pobres não somente a saúde, mas também uma educação higiênica e, através dela, a formação de hábitos morais (p. 11).

Um argumento utilizado nesse período, para justificar a entrada da Educação Física na escola, foi relacioná-la à saúde. O termo “Educação Física é saúde” tinha o objetivo de gerar uma compreensão das práticas relativas à Educação Física como sinônimo de bem estar físico e livre de doenças (MAGALHÃES, 2005).

Tal visão, perante os acontecimentos dentro da classe operária, levava à elaboração de um conjunto de decisões capaz de alinhar ideias e valores, que pudessem determinar “cientificamente” o patamar que cada um deveria ocupar nas classes, seja ela inferior ou superior (SOARES, 2007).

A ciência passa a ter um papel importante dentro deste período, ela precisava descobrir “fórmulas” e “leis” que pudessem mudar o que vinha se mostrando uma futura e grande ameaça para muitos e, na mesma trajetória, estabilizasse a “ordem natural” dos fatos e da sociedade, ou seja, as crises deveriam ser eliminadas e assim serem lembradas apenas como prenúncios que foram controladas (SOARES, 2007).

Na busca dessa preciosa e detalhada mudança, era preciso adequar e ocupar espaços, cada um dentro de suas possibilidades individuais e suas “aptidões naturais”, nunca se esquecendo da tão “importante” hierarquia (SOARES, 2007).

Vale aqui exemplificar este período por meio de uma realidade implantada na educação, no estado de Minas Gerais, por volta de 1906. Os grupos escolares, dentro de suas concepções de ensino, objetivavam, com a Educação Física, o cultivo dos corpos das crianças. Era uma realidade em que esta área de ensino não era tratada como uma disciplina escolar específica, mas como meio de educar a criança mediante práticas de atividades físicas, conforme percebe-se nas palavras de Vago:

Assim, preparar o lugar; desinfetar, limpar e inspecionar os corpos das crianças consideradas regeneráveis; renegar os corpos de outras, tidas por incapacitadas; impor hábitos higiênicos; disciplinar os bárbaros; estabelecer códigos de controle e punição; refinar sensibilidades, lapidando sentimentos, arrancando vícios, implantando civilidade, afinando a voz, ensinando o gosto, educando as mãos – são dispositivos que, em conjunto, revelam práticas escolares de constituição dos corpos das crianças (2002, p, 127).

Tais dispositivos foram a base das pesquisas que se transformaram nas teorias que influenciaram os médicos, e, em decorrência disso, aconteceram as ações de intervenção no corpo. Esses profissionais se apropriaram de estudos teóricos na faculdade de medicina que tinham relação com atividades físicas, para criar conteúdos que embasassem a prática da Educação Física: “Métodos Ginásticos” (MAGALHÃES, 2005, p.2).

Segundo Castellani (1988), a Educação Física higienista, influenciada pelas instituições médicas e militares, pautava-se nos anseios de uma ordem social preocupada com a concepção de uma educação que contribuiria para o combate das doenças infecciosas e das práticas viciosas.

Assim, ao adentrar no estudo da Educação Física torna-se relevante ressaltar os conceitos básicos com relação à concepção de corpo, a ideologia que influenciou a ótica do trabalho e o aparato cultural que interferiu na estruturação do campo do saber no final do século XIX no Brasil (SOARES, 2007).

Nesse período havia a preocupação, por parte da elite brasileira, com relação à miscigenação das raças e a suspeita da influência genética do negro sobre o branco. A referida preocupação pautava-se nas consequências que esta prática poderia acarretar na tão almejada depuração das raças e conseqüentemente uma desqualificação da raça branca: processo civilizatório.

Partindo do referido pressuposto, a Educação Física deveria disseminar uma educação sexual que contribuísse com a soberania racial branca, ou seja, buscaria doutrinar homens e mulheres dentro de uma responsabilidade que aumentassem as possibilidades de aprimoramento racial.

A Educação Física tinha a missão de contribuir, dentro de suas práticas, com ensinamentos que diminuíssem as chances de aproximação entre negros e brancos, desenvolvendo uma educação sexual.

No entanto, os intelectuais brasileiros, dentre eles Fernando de Azevedo e Rui Barbosa, se depararam com algumas dificuldades na tentativa de inserção desse pensamento no seio da sociedade.

A primeira tentativa de intervenção social se desenvolveu a partir da família da elite brasileira. No entanto, como menciona Soares (2007), o pensamento médico se deparou com a concepção de trabalho que naquele período influenciava culturalmente os hábitos da sociedade brasileira.

A concepção de trabalho em vigor no referido espaço e tempo, está pautada na dicotomia entre trabalho manual, braçal e trabalho intelectual. Percebe-se ao pensar nesta perspectiva o pano de fundo que influenciava tal pensamento: a teoria evolucionista de Darwin que era central nesta concepção, pois ao considerar que os brancos estavam hierarquicamente dispostos acima dos negros, na cadeia social, requer pensar que os trabalhos vinculados a tal classe social simultaneamente se acopla a tal lugar nesta classificação.

Portanto, sabendo que os negros realizavam o trabalho manual na sociedade brasileira no século XIX, as práticas corporais e a Educação Física em decorrência disso passaram a ser reconhecidas como uma prática corporal vinculada a tal

paradigma. Dessa forma a elite brasileira não se aproximou das mudanças propostas, por essa parcela da população.

É importante perceber, segundo Castellani (2003), a mudança de estratégia adotada pelos intelectuais higienistas: Não havendo probabilidades de intervenção nos adultos, a possibilidade era intervir nas crianças, porque elas são o futuro da nação.

Foi pensando nessa direção que a Educação Física adentra as escolas. Porém, ainda havia a comparação desta disciplina ao esforço físico e, conseqüentemente, ao trabalho escravo, onde o mesmo era utilizado para as tarefas mais duras, mais pesadas. Esses fatores eram os grandes argumentos para a tentativa de dificultar a entrada e a obrigatoriedade da Educação Física nas escolas.

As dificuldades sempre fizeram parte da trajetória da Educação Física e uma delas, ligada a este período, foi o fato de que os pais, não concordavam com seus filhos participando de atividades, que os colocassem em risco de contusões e que não estivessem relacionadas ao intelecto. Entretanto, Rui Barbosa se apropria do corpo robusto para esclarecer aos pais a necessidade de um corpo forte: se um corpo flácido é capaz de permanecer horas, sentado em estudo, na intenção de elaborações intelectuais que permitisse tal classe se manter no poder, imagine um corpo forte, qual seria a disposição, a concentração e atenção de um corpo bem preparado (CASTELLANI, 2003).

A Educação Física ministrada no ambiente escolar, ou fora deste, precisava ser um poderoso aliado para que a ordem, a disciplina, a saúde e o esforço individual respeitassem uma tão sonhada divisão hierárquica, para que tudo isso resultasse em responsabilidade individual e, talvez assim, responder a um grande número de problemas da classe no poder.

A justificativa das desigualdades começava a ser alicerçada pelas descobertas científicas. Elas decidiriam os espaços e lugares para os indivíduos na sociedade. Nesse contexto afastava-se a ideia de que tais desigualdades eram fruto de criações humanas, de um regime político arbitrário ou da vontade divina, de um

ser acima de todos, sendo assim, as respostas eram baseadas nas causas biológicas (SOARES, 2007).

Neste sentido, Soares (2007) destaca a iniciativa de Francis Galton, que fundou em Londres a Eugenic Society, instituição com objetivo de estudar uma nova ciência, a eugenia, que tinha como grande propósito explicar as questões relacionadas às distinções sociais, afirmando serem elas “naturais”. Esta possível ciência tinha a ousadia de se mostrar capaz de explicar, biologicamente, a humanidade, permitindo um argumento na raça para justificar as explorações de classe. Esta, suposta, ciência foi um poderoso instrumento nas mãos da burguesia, para justificar seu império como classe (SOARES, 2007).

A entrada da cadeira ou disciplina, que levava o nome de “Exercícios Physicos” apresentava-se como o meio de educar o físico das crianças e conseqüentemente a obtenção de bons resultados, relacionados ao desenvolvimento físico dos futuros cidadãos, reforçando a teoria do aperfeiçoamento e fortalecimento físico, racional e sistemático dos indivíduos (VAGO, 1999).

Na mesma trajetória, este movimento entendia que a família era o ponto principal para uma intervenção, inserida em uma ação disciplinar dentro da classe trabalhadora. Com isso era inevitável que essa reorganização chegasse ao ambiente escolar.

Dentro da família, a forma de atuação da medicina foi a Puericultura, uma intervenção que poderia acompanhar os passos dentro do lar, no trabalho, ou seja, em todo o cotidiano relacionado à família. Nesse momento o especialista desta área poderia “sugerir” um conjunto de normas médicas, que auxiliaria a mãe a nortear-se perante o que fazer na educação da criança e na harmonia de seu lar (SOARES, 2007).

Era de praxe que a mãe assumisse o papel de educar seu filho, transmitindo conhecimentos e valores e, ainda cuidasse, em todos os sentidos, da sua casa. Ao se determinar as funções de uma mãe dentro da família, esta se tornaria o elo forte na domesticação da classe operária.

Sendo assim, a grande mudança passaria pela seguinte ótica:



A necessidade de se criar, em torno da mulher, um conjunto de tarefas que ideologicamente só poderiam ser por ela executadas, tornava-se absolutamente indispensável. E é dentro de um quadro de ameaças à produção que a “educação” da mulher torna-se fundamental para a manutenção da ordem (p. 28).

Após pensar na atuação direcionada para uma organização na sociedade, seja no trabalho ou no lar, mais uma forma de intervenção começaria a ser preparada, dentro do quadro que se desenhara, para um equilíbrio da sociedade, ou seja, precisava-se de algo que pudesse tanto atuar no âmbito corporal dos indivíduos isoladamente, quanto no âmbito do “corpo social”. Com um conteúdo médico-higienista e com sua forma de disciplinar voltada para o “corpo biológico”, a Educação Física seria outro fator para melhorar a sociedade, seja visando à moralização ou à “melhoria e regeneração da raça”, pois a mesma teria uma atuação de extrema importância na “educação do físico” e diretamente ligada à saúde do “corpo biológico” (SOARES, 2007; VAGO, 1999).

A veracidade nas decisões, que redefiniriam os “hábitos”, estava pautada na competência que os médicos higienistas demonstravam dominar, eles tinham a plena certeza de que teriam na Educação Física mais um mecanismo para a construção do homem novo e que poderiam implantar nela seus conhecimentos profissionais em prol da mudança que se almejava (SOARES, 2007).

Corroborando com essa passagem, Castellani cita que

A Educação Física, nessa questão de eugenia da raça, a ela destina-se um papel preponderante. O raciocínio é simples: mulheres fortes e sadias teriam mais condições de gerarem filhos saudáveis, os quais, por sua vez, estariam mais aptos a defenderem e construir a Pátria, no caso dos homens, e de se tornarem mães robustas, no caso das mulheres (2003, p. 56).

Essa mecânica se entendia pelo fato de que, o vigor físico iria influenciar diretamente no progresso do capital, ou seja, um indivíduo forte fisicamente traria resultados altamente positivos para os interesses da classe dominante.

Cabe aqui a fala de Soares, que ressalta:

O corpo dos indivíduos, como mais um instrumento da produção, passava a constituir uma preocupação da classe no poder. Tornava-se necessário nele investir. Todavia este investimento deveria ser limitado para que o corpo nunca pudesse ir além de um corpo de um “bom animal”. Era preciso adestrá-lo, desenvolver-lhe o vigor físico desde cedo...discipliná-lo, enfim,

para sua função na produção e reprodução do capital (SOARES, 2007, p. 33).

Assim, a escola é moldada como um local para disciplinar corpos, limitando-os ao desenvolvimento prioritário do físico, com atuação direta da Educação Física. Dentro deste modelo, os conteúdos a serem ensinados, são os exercícios físicos, estes construídos a partir de conceitos médicos. Esta área de ensino atuando diretamente na construção do corpo, fisicamente desenvolvido, somado às medidas sanitárias e à pedagogia da “boa higiene”, por meio de suas “regras de vida saudável”, compunham o processo com o qual as classes dominantes preparavam, no modo de pensar e no comportamento das crianças, as condições básicas para sua própria existência (SOARES, 2007).

Sendo assim, as diversas práticas corporais, detalhadamente pensadas na maneira de serem aplicadas, com atividades concisas e organizadas desde seu começo até o fim, eram aplicadas dentro de todos os programas escolares e estas determinadas legalmente para serem aplicadas como Ginástica. No exposto ficou evidente a tentativa de organização de uma “construção escolar das diferenças” entre os gêneros. Para eles foram implantadas as marchas e as evoluções militares, e para elas, dentro de um processo lento e, talvez, imperceptível, minuciosas séries de exercícios físicos, baseados no modelo sueco. Uma forma de “compensação” ou “premiação” para os alunos, depois que esses participassem das séries de ginástica. Era o momento de “brincar em liberdade” no espaço propício para tal, sempre acompanhados pela professora (VAGO 2002).

Nessa parte da história a escola passa a ser fundamental na tarefa de vincular suas práticas a novos hábitos, novas formas de agir e novas sensibilidades. Ela é moldada pelos interesses e visões sociais que imperavam naquele período. (CHAVES, SILVA, 2012).

Outra perspectiva demonstrava-se a favor da Educação Física dentro da escola. Esta apontava para o fato de que as crianças não poderiam ter um aprendizado correto, se não fosse dentro do ambiente escolar, ou seja, nas ruas ou em iniciativas isoladas, as crianças não teriam um ensinamento de excelência nas práticas corporais.

Afirmava-se assim a escola como o lugar por excelência para a realização das práticas corporais que concorreriam para o desenvolvimento físico das crianças. Somente a escola poderia lhes proporcionar tal desenvolvimento. Considerou-se que em suas casas, e certamente nas ruas, não havia “os meios e a ocasião” para tanto. As práticas corporais que elas realizavam nesses lugares não podiam lhes garantir isso, e daí resulta a defesa de que o Estado deveria regular e manter na escola um programa racional de educação do corpo das crianças (VAGO, 1996, p. 5).

Os acontecimentos relacionados à Educação Física, dentro do modelo educacional implantado em Minas Gerais, como possivelmente, em outros locais do Brasil, as práticas corporais adotadas para os meninos eram diferentes das aplicadas nas meninas. Eles participavam de marchas moldadas pelas regras militares, retratando uma atividade mais viril e elas desfrutavam de momentos mais delicados como brincar livremente no pátio e também algumas práticas de exercícios de extensão e flexão dos músculos, realizados à sombra. Essa diferenciação das práticas corporais objetivava uma educação racional de corpos e paralelo a isto, um melhor entendimento sobre as diferenças entre eles (VAGO, 1996).

Apesar de pertencerem ao domínio da Educação Física, essas práticas corporais, denominadas na época de “Exercícios Physicos” eram de responsabilidade das professoras e os momentos de aprendizado e aperfeiçoamento das evoluções militares tinham a direção de um instrutor militar.

A ação que os higienistas traçaram, influenciou os educadores a defenderem a presença da ginástica nos colégios. Mas a resistência a essa opinião foi grande, já que nem todos concordavam com a presença, de práticas de atividade física no cotidiano dos mais intelectuais, pois os mesmos poderiam sofrer algum mal como: fadiga, exposição ao sol ou chuva, dores, algum tipo de ferimento, dentre outros (CASTELLANI, 2003).

É relevante ressaltar que mesmo com diversas dificuldades a Educação Física, na forma de Métodos Ginásticos, começava a ser percebida de duas formas, uma como mais uma área para enriquecer a estrutura educacional, e outra como um meio de condicionar o corpo, pela disciplinarização dos movimentos, pois se configuraria como mais um canal de controle da burguesia. Essa área carregava a conotação de ser o “grande bem” para todos os “males”, protagonista de um corpo saudável. Este movimento tinha sua metodologia centrada nas posturas e atitudes que, através de práticas estilizadas, culminariam em benefícios para a saúde e a

estética. Afinal de contas fazer exercício era sinônimo de bem estar, da certeza de uma boa saúde, resultando em homens bem preparados para os fins que forem designados (SOARES, 2007; GLOMB, FUGGI, 2001).

Nessa perspectiva Soares (2007) tece o seguinte comentário:

Sempre vinculada à saúde biológica, a Educação Física será protagonista de um projeto maior de higienização da sociedade. O corpo, do qual se ocupa, é o corpo anatomofisiológico. E ele será a referência fundamental de seu desenvolvimento como prática social (p. 50).

A Educação Física começa a ser entendida como uma prática, com capacidade para interferir nos hábitos dos indivíduos e, portanto, trazer benefícios para a saúde. O seu surgimento, como um dos instrumentos para uma mudança na sociedade, começa a aparecer em outros cantos do mundo. Economicamente, politicamente e socialmente, a sociedade brasileira sofreu a influência dos conhecimentos e teorias que foram cultivados na realidade europeia e neste contexto foi criado o modelo que condicionou a Educação Física no nosso país (SOARES, 2007).

No Brasil colonial começava na classe dominante, a se desenvolver certa ansiedade por preocupações voltadas para a saúde e para a higiene, resultando num cuidado com os indivíduos. A família era um elo importante para as ações pretendidas nas mudanças estabelecidas. No âmbito brasileiro não foram diferentes os objetivos traçados para a Educação Física, pois por intermédio da mesma, os higienistas, dentro da “apurada educação das elites”, associaram a Educação Física com a educação sexual, pois assim homens e mulheres passariam a ser reprodutores em potencial e, conseqüentemente, o meio de apurar a raça (SOARES, 2007).

Nesse momento buscava-se um local que pudesse receber a missão de ser um “espaço da ordem”, capaz de ser acompanhado pelos médicos higienistas e pudesse preparar o homem que a sociedade almejava. Os colégios passaram a ser vistos por outra ótica, pois esse local reunia algumas condições que somadas ao que já existia de estratégias junto à sociedade, aumentariam a chance de alcançar os objetivos pretendidos pela sociedade.

Sendo assim, os colégios passaram a ser controlados, nos mínimos detalhes, desde sua arquitetura até o conteúdo curricular. O que estudar, qual horário seria permitido descansar, qual seria o tipo de alimentação, a carga de exercício físico, tudo passou a ser controlado e vigiado. As medidas adotadas fortaleceriam a metodologia aplicada dentro desses espaços. O lazer e a recreação não fugiram ao crivo das medidas que estavam sendo aplicadas e seguidas, ou seja, elas deveriam estimular o corpo e o espírito, mas sempre com caráter formativo.

Percebe-se que os momentos destinados ao exercitar, recrear ou com cunho de lazer, que hoje são manifestações da Educação Física, começam a ganhar seu espaço dentro da escola e com o aval da sociedade, nunca fugindo do detalhado processo de disciplinar os corpos.

Um dos procedimentos básicos adotados pela medicalização da sociedade, para o desenvolvimento da Educação Física dentro dos colégios, foi a separação por idade e sexo, pois toda e qualquer determinação médica para os exercícios, estaria pautada nas características sexuais e na faixa etária, com isto podendo regular a intensidade e complexidade da ginástica<sup>2</sup> (SOARES, 2007; MARQUES, 2010).

A ginástica era um aprendizado primário, pois utilizava movimentos sequenciados, de grande importância para a educação do corpo. Mas ela precisava de algo que complementasse o desenvolvimento nos órgãos dos sentidos, para assim atender aos princípios da elegância. Nesse sentido foi adotado o canto, a declamação e o piano para as meninas e o salto, a natação, a equitação e a esgrima para os meninos, porém a dança era praticada por ambos os sexos.

Até aquele momento, toda essa estrutura estava à disposição da classe burguesa, pensada e repensada para a obtenção de grandes resultados, dentro do ensino dessa camada da sociedade. A ginástica e as atividades complementares, que aconteciam dentro da escola, que até então era uma educação proporcionada para alguns, precisava chegar a todos em geral.

---

<sup>2</sup> Entendo aqui por ginástica, uma série de movimentos simples e combinados, dispostos em certa ordem, e próprios para fazerem desenvolver, gradualmente, as peças que compõem o organismo.

Rui Barbosa foi um dos principais defensores da mudança que começava a surgir, pois a população analfabeta ansiava por saúde, progresso e desenvolvimento. Ele defendeu a educação como meio para uma grande transformação na sociedade, com ótimos benefícios e de grande importância. Unindo-se aos princípios do higienismo, os dois poderiam ser a solução para esse quadro tão preocupante e com isso fazer surgir um novo Brasil.

O professor de ginástica começa a ter seu espaço equiparado a outras áreas de conhecimento, essas pertencentes ao componente curricular. Essa equiparação aumenta a significância da Educação Física, como instrumento para “moldar” o tão almejado homem ideal, objetivado para a produção, este saudável e útil para a sociedade.

A Ginástica ou Educação Física, ganha contornos cada vez mais fortes dentro das propostas pedagógicas, sendo apreciadas em leis e nas mudanças educacionais que vêm ocorrendo. Sustentados pelo pensamento médico-higienista, profissionais dessas áreas começam a disponibilizar maiores espaços em seus congressos e teses relativas à Educação Física e, com conotações bem destacadas sobre sua importância dentro da escola, principalmente a visão, funcional, que é atribuída para essa área (SOARES, 2007).

Dentro dessa trajetória o higienismo estabelece uma prática instrutiva como proposta de ensino, onde os alunos são apenas reprodutores de movimentos, capazes de fortalecer os seus corpos na perspectiva anátomo-fisiológica.

É importante esclarecer que o período compreendido entre 1850 e 1920, é reconhecido, no campo da Educação Física, como um espaço de tempo que possui as práticas corporais pautadas no pensamento médico higienista. No entanto, sabe-se que a partir desse período esse pensamento diminui sua potência, perde força, permitindo a emergência de outras concepções, portanto, passa a coexistir com outras práticas pedagógicas. Assim, é importante ressaltar, que neste estudo, busca-se evidenciar o surgimento dos contextos em que novas ideias passam a influenciar o surgimento de novas práticas, na área da Educação Física. A intenção é esclarecer que algumas ações, das concepções oriundas de espaço e tempo distintos coexistem na sociedade atual (VAGO, 2000).

Tendo a compreensão de que as práticas higienistas permanecem instauradas na Educação Física brasileira ao longo dos anos, considera-se relevante, neste momento trazer à tona a concepção Militarista, que surge influenciada pelo pensamento militar na década de 1920.

## 4.2 Militarismo

As transformações dentro da sociedade brasileira aconteciam na medida em que os movimentos sociais buscavam novos “ideais” ou novos objetivos, na intenção de suplantar as demandas das classes sociais que emergiam no final da década de 1920.

Segundo Fausto (1997), a década supracitada, foi caracterizada pela decadência da ‘política do café com leite’, devido aos diversos movimentos sociais que eclodiram nesse período fruto da insatisfação, do Exército e das camadas médias urbanas. Vários foram os movimentos que retrataram tal insatisfação. No campo da arte, o modernismo, por intermédio da Semana da Arte Moderna, em 1922, correspondeu às transformações por que passava a sociedade brasileira, cuja oligarquia ainda dominava, apesar do crescimento das indústrias. Outro movimento social que impactou a sociedade brasileira insatisfeita com a política foi o movimento “Tenentista”.

Diversos autores (IANNI 2005; WEFFORT 2003; D’ ARAÚJO, 1997) comentam que os militares tiveram uma influência significativa e um papel determinante no episódio revolucionário na década de 30<sup>3</sup>.

Fausto (1997), afirma que esses movimentos iniciam-se, em regra, como caráter de tentativa insurrecional independente dos setores civis, embora esse quadro aos poucos se modificaram até se chegar ao acordo nacional com as oligarquias dissidentes na Revolução de 1930.

---

<sup>3</sup> TENENTISMO - Movimentos que explodem no Rio de Janeiro (5/07/1922 – Dezoito do forte), Santa Catarina (1923 – Coluna Gaúcha), São Paulo (5/07/1924 – Coluna Paulista) e a Coluna Prestes (1925 –1927) – expressava a insatisfação de setores militares (Tenentes) com o governo. Pregavam a moralização da política, defendiam o capital nacional e exigiam a restauração das forças militares.

Para Castellani (2003), esse período se caracteriza pela transformação do eixo econômico agroexportador para urbano industrial, exigindo a constituição de uma mão de obra especializada para as indústrias.

Assim, é importante perceber que a Tendência Pedagógica Militarista se apresenta determinando hábitos e comportamentos para a Educação Física, no momento em que o país passava por mudanças profundas e que estas refletiam-se na população que migrava do campo para as cidades, na busca de melhores condições de trabalho e vida.

Lenharo (1986) ao refletir sobre a influência do estado varguista e sua concepção de educação, reitera que a Educação Física e Educação Moral e Cívica foram duas disciplinas utilizadas para adestrar os corpos para a indústria e para a defesa da nação.

Portanto, dentro dessa abordagem, os aspectos sociais, relacionados à Educação Física, estavam vinculados à educação moral e cívica e à instrução militar (CRUZ, MOREIRA, 2011).

A Educação Física do período militar foi idealizada com objetivos elaborados para a busca de uma conduta disciplinar, adequando a sociedade dentro de padrões de comportamento, que resultassem diretamente nos jovens, para que esses fossem capazes de atuar na defesa da nação, considerando a aproximação do Brasil com a Segunda Guerra Mundial (LENHARO, 1986; BRANDI, 1993).

A incumbência de ministrar as aulas de Educação Física pertencia aos instrutores advindos do ambiente militar. Os primeiros professores não tinham autonomia para determinar um caminho a ser seguido por esta disciplina. Nesse período a Educação Física seguia as determinações das instituições militares, acarretando pouco espaço de intervenção e autonomia às pessoas: os professores apenas colocavam em prática as políticas direcionadas pelo estado varguista (LENHARO, 1986).

A política do governo de Vargas doutrina os sujeitos, por meio de uma prática reconhecida como militarização dos corpos (Lenharo, 1986). Essa prática associava a disciplinarização por meio da Educação Física e a doutrinação Moral



por intermédio da Educação Moral e Cívica (Castellani, 2003). Chaves e Silva (2012) comentam que o ensino era pautado na seriedade com que se ensinava o civismo, o louvor à pátria, os costumes posturais e os corpos eretos e enfileirados.

Castelani (2003) relata que aproveitando-se do espírito de nacionalismo do jovem, foi promulgado o decreto-lei nº 2.072 de oito de março de 1940, que dispunha sobre a obrigatoriedade da Educação Cívica, Moral e Física na infância e na juventude, fixando as suas bases e, para implementá-las, organizou uma instituição nacional chamada *Juventude brasileira*<sup>4</sup>, submetida ao ministério da Educação e Saúde e ao da Guerra. Dentro desse decreto vale destacar dois artigos relacionados à Educação Física:

Artigo 1º - A Educação Cívica, Moral e Física, é obrigatória para a infância e a juventude de todo o país, nos termos do presente Decreto-lei.

Artigo 4º - A Educação Física a ser ministrada de acordo com as condições de cada sexo, por meio da ginástica e dos desportos, terá por objetivo não somente fortalecer a saúde das crianças e dos jovens, tornando-os resistentes a qualquer espécie de invasão mórbida e aptos para os esforços continuados, mas também dar-lhes ao corpo, solidez, agilidade e harmonia (p.91).

Esse período foi de grande importância para a entrada da Educação Física nas escolas, sofrendo intervenções por parte de autoridades políticas, militares, médicas e de estudiosos. Mas, sem sombra de dúvidas, uma época em que a Educação Física ampliou suas ações dentro das instituições escolares.

O Coletivo de autores (1992) apresenta a seguinte definição para essa parte da história da Educação Física:

As aulas de Educação Física nas escolas eram ministradas por instrutores físicos do exército, que traziam para essas instituições os rígidos métodos militares da disciplina e da hierarquia. Esse fato é a base da construção da identidade pedagógica da Educação Física escolar, calcada nas normas e valores próprios da instituição militar (p. 36).

É importante ressaltar que muitos educadores não concordavam com as práticas implantadas pelos militares, mas a amplitude de atuação dos métodos foi maior que as contestações dessas pessoas (CAPARROZ, 1996).

---

<sup>4</sup> Instituição criada com objetivo de incrementar a educação cívica das novas gerações, organizando a juventude de modo a constituir reserva facilmente mobilizável, sempre que houver objetivo patriótico a alcançar... (Castellani, 2003, pág. 89).

Castellani (2003) revela a aproximação da Educação Física brasileira à ideologia militar destacando a utilização do Método Francês. O método foi transformado em Regulamento Geral nº 7, passando a ser a referência de prática corporal para os professores no país. Cabe ressaltar que esse método foi uma proposta de ginástica feita pelo Francês Amoros, que fundamentou essa prática nos conhecimentos da natureza e na análise do movimento. Seu método tinha como objetivo o desenvolvimento das qualidades físicas, o aumento da energia e a exaltação das qualidades morais.

A Educação Física dentro do modelo militarista tinha também como um dos objetivos a seleção dos indivíduos “perfeitos” fisicamente, pois era de extrema importância para os fins já estabelecidos pelo governo (defesa da nação e industrialização), e conseqüentemente, os incapacitados deveriam ser excluídos, pois não poderiam contribuir para a maximização da força e do poderio da população (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Ghiraldelli Júnior (1994), ao discutir as concepções de Educação Física reitera que a Educação Física Militarista buscou moldar os corpos na tentativa de produzir os cidadãos-soldados. Indivíduos preocupados com o desenvolvimento nacional: a defesa da nação e o desenvolvimento econômico (industrialização).

Segundo Castellani (2003), essa visão passa a se concretizar para a Educação Física quando em 10 de novembro de 1937, foi promulgada a lei número 1 da constituição dos Estados Unidos do Brasil, quando um texto da mesma evidencia em dois de seus artigos:

Artigo 131 – A Educação Física, o ensino cívico e os trabalhos manuais, serão obrigatórios em todas as escolas primárias, normais e secundárias, não podendo nenhuma escola de qualquer desses graus ser autorizada ou reconhecida sem que satisfaça aquela exigência.

Artigo 132 – O Estado fundará instituições ou dará o seu auxílio e proteção às fundadas por associações civis, tendo umas e outras por fim, organizar para a juventude, períodos de trabalho anual nos campos e oficinas, assim como promover-lhes a disciplina moral e o adestramento físico, de maneira a prepará-la ao cumprimento dos seus deveres para com **a pátria, com a economia e a defesa da nação** (p.81) – grifos do autor.

Nesse aspecto, o processo de escolarização e as práticas de disciplinarização não ficaram limitados na realidade escolar. O esporte também foi envolvido nesse

contexto como um meio de alcançar os objetivos estipulados pela ideologia do governo varguista.

Em 1939, o governo de Getúlio Vargas adotou uma ação determinante em relação a projetos de atividades físicas, que surgiam e se ampliavam pela sociedade. A decisão de transformar, o Centro Militar de Educação Física em Escola de Educação Física do Exército (ESEFEX), permitiu a formação do primeiro corpo docente da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) da Universidade do Brasil (MAGALHÃES, 2005). Esse foi certamente, um período com grandes mudanças para a Educação Física, que se fez presente na redemocratização da sociedade brasileira.

Percebe-se que a influência desportiva começa a surgir e gradativamente substituir a militarização das práticas da Educação Física. As práticas esportivas começam a ser implantadas em todos os segmentos da sociedade, ou seja, dentro e fora da escola (PERES, 2001).

A disciplina em questão neste estudo tem uma vasta área de atuação, suas práticas podem acontecer tanto nas escolas quanto fora delas. A contribuição que a Educação Física pode oferecer nos dois sentidos é imensurável, ou seja, o que se aprende na escola pode evoluir para uma prática sistemática fora dela e o que se pratica em clubes, associações, liga desportivas e outros, pode servir de conteúdo e motivação, para os ensinamentos desenvolvidos nos contextos escolares.

O estudo, momentaneamente, irá se afastar um pouco da realidade escolar com a intenção de compreender ou desvendar até que ponto as práticas da Educação Física realizadas fora desse ambiente, podem contribuir para que os alunos ganhem motivação e entendam o que elas acarretam de benefícios para sua saúde e bem estar.

Para tal entendimento buscou-se estudar um recorte temporal, especificamente entre o ano de 1930 a 1945, quando alguns acontecimentos importantes direcionaram nossa sociedade.

Sendo assim, buscou-se, dentro do período de atuação de Getúlio Vargas, evidenciar as marcas de uma transformação social que buscava o desenvolvimento

do capital industrial no país, a cidade de Volta Redonda, que exemplifica por meio da implantação da Companhia Siderúrgica Nacional, a política do estado e em decorrência a intenção de forjar o trabalhador brasileiro com base na ideologia Trabalhista e Corporativista. O que se procura enfatizar é que o Estado Novo tentava controlar o trabalhador, por meio do sindicato, com o trabalhismo<sup>5</sup> e o corporativismo<sup>6</sup>, o que comprova a hipótese. Gomes (1989) ainda afirma que essas iniciativas englobavam várias políticas, dentre as quais o destaque era a implementação da organização sindical.

Cabe ainda salientar que Volta Redonda foi uma região escolhida devido as suas particularidades, como proximidade aos grandes centros, clima e facilidade no escoamento dos produtos. Estimular e proporcionar proteção, foi a base das medidas que o governo provisório implantou, como “propaganda” para atrair seus futuros empregados (ALVES, 2001).

O saneamento moral e físico, a educação sanitária, a criação do ensino técnico-profissionalizante, a remodelação do exército e da armada e a promoção da extinção do latifúndio, foram algumas das ideias do programa de reconstrução nacional (ALVES, 2001).

As empresas, extremamente entrosadas ou subordinadas ao regime da época, se adequavam à influência do militarismo. Esta se fazia presente no momento que alguém era contratado. Os que se apresentavam e imediatamente eram incorporados às empresas, automaticamente estavam “presos” aos interesses dos empregadores e do governo. Os que tentassem sair poderiam ser considerados desertores. O decreto Lei nº 4937, de 09/11/1942 determinava que as empresas controlassem seus operários, como se os mesmos estivessem servindo a nação.

Nesse aspecto a construção da Companhia Siderúrgica Nacional e, paralelamente a isso, o crescimento da cidade de Volta Redonda, tinham um objetivo incutido, que era o de apresentar-se para o país como uma empresa

---

<sup>5</sup> Trabalhismo - ideologia centrada na figura de Vargas, em sua obra social e no tipo de relação que ele propõe manter com a classe trabalhadora. Ver GOMES, A.C. & D'ARAÚJO, M.C. . *Getulismo e Trabalhismo*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

<sup>6</sup> Corporativismo – Doutrina que prega a união de classes em corporações ou associações reunindo representantes de patrões e empregados. Ver D'ARAÚJO, Maria Celina – *A Era Vargas*. São Paulo: Moderna, 1997.

modelo, símbolo da industrialização, que além da produção de aço, apresentaria em seu quadro de funcionários um novo tipo de trabalhador, aquele pronto para contribuir com o crescimento do país (ALVES, 2001).

Dentro da realidade vivida pelos operários, com seus direitos e deveres influenciados pelos interesses do governo, somente as condições de trabalho oferecidas, já não eram atrativas para garantir um empregado dedicado e com um perfil dentro do modelo de trabalhador que se almejava. As empresas precisavam criar outros meios de incentivo para os operários, outros interesses como viajar finais de semana para rever a família; porque eles buscavam outros entretenimentos, como jogos de azar e até o uso excessivo de bebidas alcoólicas. Essas práticas não condiziam com os interesses do regime e, de certa forma, estavam influenciando o nível de produtividade desse trabalhador (CORREA, 2008, BRETAS, 2010b).

Para mudar esse quadro foi criado em 1943, pelo ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (MTIC), o Serviço de Recreação Operária (SRO), com objetivo de organizar e ofertar o lazer aos trabalhadores e familiares. Apoiando os sindicatos e auxiliando na coordenação das atividades, esse serviço possibilitou o acesso a inúmeras atividades culturais: teatro, dança, cinema, esportes e outros. O objetivo proposto por essas ações era proporcionar um entretenimento, para o operário e sua família, para que eles aumentassem seu entendimento e compreensão em relação ao mundo (CORREA, 2008).

Essa iniciativa do estado apresentava um padrão diferencial de outras, pois buscava alguns objetivos pedagógicos, oferecia diversas atividades físicas e esportivas, além da oportunidade de vivenciar algumas linguagens artísticas. Não existia restrições de idade ou sexo e esses eram oferecidos de forma gratuita, talvez uma das estratégias para atrair os participantes. Sendo assim, apresentava-se um formato de um sistema capaz de ofertar e atender o anseio de todos, ou seja, cada um poderia optar pelo que mais gostava (BRETAS, 2010b).

Para Bretas (2010a) três elementos estiveram presentes na criação do Serviço de Recreação Operária: o primeiro tem relação com a higiene no trabalho. Esse elemento preocupava-se com a questão neuro-muscular e sua relação com a fadiga. O segundo elemento estava ligado à “linha de produção e a mecanização do

serviço” (p. 57). Por fim, o terceiro elemento estava vinculado à preocupação com o tempo fora da jornada de trabalho.

Com a participação desses operários nas atividades oferecidas, esperava-se um resultado positivo relacionado às mudanças nos hábitos e costumes dos envolvidos, onde os mesmos escolhiam as práticas oferecidas, bem como os momentos culturais, no lugar das rotinas indesejadas pelo sistema (BRETAS, 2010b).

Por este estudo estar centrado nos acontecimentos históricos relacionados ao basquete nas décadas de 50 e 60, precisa-se entender essas iniciativas e sua ligação com a criação do centro esportivo da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), mais conhecido como Recreio do Trabalhador Getúlio Vargas (RTGV).

No período de criação e implantação do SRO e a construção do RTGV, planejava-se oferecer atividades que ocupassem o tempo ocioso do empregado, algumas delas praticadas por eles e seus dependentes, não importando a idade. Aulas de natação, basquete, futebol e outros, eram oferecidas para a iniciação do aprendizado em uma ou mais de uma modalidade (ALVES, 2001)

Como o SRO era organizado para os operários e suas famílias, nos seus horários livres, a CSN organizou e construí esse centro de referência esportiva da região, quiçá, naquela época, do Brasil. Um local que pudesse receber os eventos de grande porte e atender um grande número de espectadores ou participantes.

Suas instalações compreendiam ginásio poliesportivo, parque infantil, piscina olímpica e outra infantil, campo de futebol com uma pista de atletismo ao seu redor, biblioteca, salão de jogos, bar e restaurante, ou seja, toda uma estrutura pensada para atender a todos os níveis de interesses dos operários e seus familiares.

O RTGV foi palco dos espetáculos esportivos, como as disputas dos jogos estudantis e de equipes adultas nos campeonatos estaduais e nacionais. Em vários momentos esportivos, o público superava o limite de lotação do complexo, muitas pessoas assistiam os jogos em pé. Esta situação nos dá uma dimensão de como era promovido o esporte e o envolvimento da população nestes acontecimentos (VILELA, 2004).

O autor reforça este sentimento ao citar em sua obra as palavras do Professor Carlos Alberto Imbruglia: “Esse fato aumentou os laços afetivos entre os operários em todos os níveis da empresa, uma vez que desde o mais simples trabalhador até o mais alto diretor, fazia-se presente nas instalações do RTGV” (pág. 133).

O processo nº 27625/51 (*EXTRATO DA ATA da 517ª SESSÃO ORDINÁRIA DA DIRETORIA*) de 05 de Setembro de 1951, confirma a existência de toda a estrutura citada acima.

Na implantação do Serviço de Recreação Operária e construção desse centro esportivo, percebe-se a grande preocupação por parte da CSN com alguns fatores como a crescente mobilização sindical, a recuperação da força de trabalho por meio da prática esportiva, proporcionar uma diminuição das diferenças de classes, por intermédio do esporte e promover uma imagem bem positiva para o país, mostrando-se um símbolo de progresso e independência econômica (ALVES, 2001).

Para atingir tal intuito, foram criados eventos como o Campeonato da Amizade<sup>7</sup> e Campeonato Classista<sup>8</sup>, que eram competições que não apresentavam uma separação entre as profissões mais ou menos graduadas. Participavam nos jogos, em igualdade de condições, serventes, engenheiros, técnicos, soldadores e outros. Todos os dois campeonatos buscavam atingir objetivos de redução dos conflitos entre as hierarquias profissionais. Sendo assim, mediados pelo espírito recreativo das competições, esses conflitos poderiam ser diluídos, e o entusiasmo pela participação poderia se transformar em algo positivo, que resultasse no aumento da força de trabalho (ALVES, 2001)

Eventos esportivos como esses envolviam poucos operários na disputa das competições, mas serviam como um espetáculo para o restante dos funcionários. Um exemplo de um evento, de muitos, relacionado ao Recreio do Trabalhador e ao

---

<sup>7</sup> Era desenvolvido entre os diversos departamentos da empresa: departamento administrativo, departamento de laminação, departamento de material, dentre outros, portanto, não importava a sua profissão, engenheiro, mestre, técnico, encarregado, todos poderiam, juntos, participar do campeonato, desde que fossem do mesmo departamento (ALVES, 2001).

<sup>8</sup> Era composto pelas profissões existentes nos quadros da C.S.N., engenheiros, desenhistas, químicos, professores, contadores entre outras profissões. O Campeonato Classista, desenvolvido pela empresa, permitia, de uma forma sutil, o fortalecimento dos laços corporativos (ALVES, 2001).

basquete, foi a apresentação dos Harlem Globetrotters<sup>9</sup>, um show de exibição para os operários e seus dependentes assistirem e saborearem as acrobacias do grupo, conforme depoimentos de alguns ex-jogadores da equipe da CSN e, que posteriormente, permaneceram envolvidos com o desporto na cidade de Volta Redonda:

**Libiano Abiatti:**

Um dos objetivos destes espetáculos era proporcionar aos empregados uma diversão, para que estes deixassem de viajar para suas cidades, evitando assim viagens cansativas, que geravam acidentes de trabalho (Entrevista dia 04/12/2011).

**Renato Santini:**

O público lotava o Recreio do Trabalhador para ver os jogos, existiam pessoas que levavam algo para se alimentar, para conseguir chegar cedo e garantir um lugar para assistir a partida de basquete.

Outros eventos que serviam de espetáculo eram os jogos entre equipes de várias modalidades, representando cidades da região do Vale do Paraíba ou de outras localidades do Brasil. A CSN representava Volta Redonda com suas equipes nos amistosos e competições oficiais.

Os atletas que formavam as equipes representativas da CSN, eram jogadores já formados e com passagens por seleções estaduais e nacionais, com experiência em todos os níveis de competição. Sendo assim, as equipes demonstravam um alto nível técnico e prontas para participar e vencer competições como os Jogos do Vale do Paraíba<sup>10</sup>.

Em outro momento deste estudo aprofundar-se-á na importância e influência que o basquete representa para esses acontecimentos nas instalações do RTGV. Nesse momento procura-se entender que as empresas, com seus objetivos subliminares, buscam se destacar em competições e na organização de eventos para seus empregados. As práticas corporais daquele tempo eram extremamente voltadas para os resultados positivos em competições, principalmente aquelas que mostrassem para o país, a imagem de empresa moderna.

---

<sup>9</sup> Equipe de basquetebol profissional americana. Ganhou a alcunha de time de basquete mais famoso do mundo, por fazer de suas partidas uma mistura de entretenimento e habilidades performáticas.

<sup>10</sup> Jogos envolvendo cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, que no ano de 1956 foram patrocinadas pela CSN. Referência: Fundação Biblioteca Nacional, edição 19409. Pág. 18



A cultura corporal, independentemente de onde e como era desenvolvida, apresentava conotações voltadas para a competição e sua “contribuição”, com objetivos específicos para a competição, na busca da vitória a qualquer custo. Essas práticas precisavam promover os sujeitos socialmente por meio do esporte, com focos nas ações e que essas fossem reproduzidas em competições ou nas práticas voltadas para um perfil de alto rendimento, onde se destacava a estima e privilegiavam-se os mais fortes, e, em contrapartida, os mais fracos acabavam excluídos.

O espírito competitivo apresenta-se como um meio de educar para o mundo, pois todos se deparam com situações de competir e vencer, para superar algum obstáculo.

Reforçando ainda a potencialidade de educar por meio do movimento, surge outra concepção dentro da prática da Educação Física, o pedagogicismo, que tenta implantar a ideia de que essa disciplina deveria ser tratada como meio para que a juventude almejasse uma melhor qualidade nos padrões de saúde, somada a uma aquisição de hábitos, essenciais para sua vida e, ainda, aprender a racionalizar ou priorizar suas horas de lazer (GUIRALDELLI JUNIOR, 1994).

O autor reforça esta passagem quando cita que

A Educação Física Pedagogicista está preocupada com a juventude que frequenta a escola. A ginástica, a dança, o desporto, etc., são capazes de levar a juventude a aceitar as regras de convívio democrático e de preparar as novas gerações para o altruísmo, o culto às riquezas nacionais, etc. (pág. 19).

Essa concepção, dentro da Educação Física, tentou mostrar para a sociedade uma “valorização” do profissional dessa área. Ela é vista como algo útil e benéfico para a sociedade e que deveria ser respeitada, independente de interesses políticos.

Percebe-se uma evidente preocupação em utilizar as práticas esportivas e culturais, como meio de solucionar ou amenizar os problemas da juventude. Essas práticas começam a serem vistas como algo capaz ir além da contribuição na vida dos alunos. A superação na vida passa a ser vista como a superação de limites, a busca por objetivos mais altos (GUIRALDELLI JUNIOR, 1994).

Sendo assim, a Educação Física, neste período, começa a adotar e modificar suas práticas para um caráter competitivo, corroborando e acentuando o pensamento de que o importante é preparar-se para a competição, seja ela individual ou coletiva (GUIRALDELLI JUNIOR, 1994).

### 4.3 Competitivismo

O ano de 1964 ficou marcado pelo golpe de Estado civil-militar, quando originou um momento ímpar na História do Brasil, período conhecido como Ditadura Militar (1964-1985). Nesse período coube um papel à educação: auxiliar a condução dos objetivos implementados pela ideologia do milagre econômico (SOUSA, PELEGRINI, 2009).

Essa adequação educacional ao sistema econômico foi alicerçada por acordos como o MEC-USAID<sup>11</sup> e ficou fortalecida com a lei nº. 5.692/71 que versava seus objetivos na formação profissional, pois tudo o que era planejado visava o crescimento da indústria, o fornecimento de mão de obra qualificada e um melhor nível de escolarização (ROMANELLI, 1999).

Como toda a educação estava voltada para esses objetivos, os métodos adotados dentro da prática da Educação Física escolar, não seriam diferentes desse contexto. Sendo assim, a mesma recebia a função de formar cidadãos saudáveis e disciplinados, dispostos a exercer, com eficácia, as atividades específicas das tarefas na indústria (SOUSA, PELEGRINI, 2009).

As escolas receberam sugestões dos órgãos oficiais, com objetivos metodológicos voltados para uma tendência tecnicista e atuantes na educação. Essas propostas foram implantadas por demonstrarem uma compatibilidade com o projeto militar para a educação, porque por meio de um ensino automatizado, poder-

---

<sup>11</sup> Convênios estabelecidos entre o Ministério de Educação e Cultura (MEC) e a Agency for International Development (AID) para assistência técnica e cooperação financeira à organização do sistema educacional brasileiro (SOUSA, PELEGRINI, 2009).

se-ia chegar a uma formação mais concreta de um indivíduo pronto para a indústria, habilitado em todos os sentidos para essa tarefa (SOUSA, PELEGRINI, 2009).

Esse aparente “milagre econômico” é resumido por Demerval Saviani (1995):

Na pedagogia tecnicista, o elemento principal passa a ser a organização racional dos meios, ocupando o professor e o aluno posição secundária, relegados à condição de executores de um processo cuja concepção, planejamento, coordenação e controle ficam a cargo de especialistas, supostamente habilitados, neutros, objetivos e imparciais (p. 17).

Nessa perspectiva, a Educação Física, no contexto do tecnicismo educacional, é moldada para desenvolver, única e exclusivamente, a disciplinarização, o alto rendimento e a eficácia pedagógica. Dessa forma, o conteúdo escolhido para compor as práticas da Educação Física, passa a ser o esporte, pois ele tem em sua essência o caráter competitivo, ingrediente perfeito para fundamentar uma relação entre educação e a preparação para o mundo.

Como a sociedade encontrava-se em conflitos, embasados no momento político que o país se encontrava, buscava-se algo que servisse de entretenimento e desarticulasse possíveis formações de opiniões para tais acontecimentos.

O esporte como conteúdo hegemônico, dentro da Educação Física, demonstrava ser a fórmula ideal para atingir as almejadas desarticulações políticas. Adotá-lo como uma prática corriqueira significava contribuir com a harmonização de conflitos sociais, pois a população envolvida com competições esportivas “esqueceria” os acontecimentos políticos.

Enriquecendo essa passagem Bracht (2003) considera que o esporte provoca um desprendimento político, ou seja:

Ao lado do conteúdo ideológico veiculado pelo esporte, o intensivo engajamento no esporte provocaria um desinteresse político. O interesse nas tabelas dos campeonatos, nos ídolos esportivos etc. impediria a formação da consciência política e o conseqüente engajamento político. Além disso, a prática do esporte levaria à adaptação às normas e ao comportamento competitivo, básicos para estabilidade e/ou reprodução do sistema capitalista (p.31).

A conquista da terceira Copa do Mundo de Futebol em 1970 no México exemplifica a relevância do esporte como propósito para contribuir na harmonização da sociedade e inculcar os valores do regime militar brasileiro. O povo envolvido com

os jogos, com os resultados, e, principalmente, a conquista do título mundial, demonstrou-se eufórico e unido para torcer e comemorar a cada resultado positivo de nossa seleção (SOUSA e PELEGRINI, 2009).

Estar ocupado com esse movimento minava as chances de moldar uma opinião pelos fatos políticos ou entender toda a ação do governo com os prisioneiros políticos, torturados pela ditadura militar. Percebe-se que o espetáculo das conquistas de nossa seleção transforma-se em uma estratégia para desviar as atenções da população (SHIKIDA E SHIKIDA, 2004; PELEGRINI, 2008; ASSIS, 2010).

Com o esporte e suas conquistas em evidência, a Educação Física começa a pertencer a um pilar de sustentação da ideologia dominante, pois as conquistas em competições importantes poderia promover o país aos olhos do mundo (SOUSA, PELEGRINI, 2009).

Começa a surgir uma linha metodológica que direciona os acontecimentos da Educação Física para o pensamento desportivo. As aulas acontecem sob o comando de professores que as ministram sob uma nova ótica. Professores apresentam a postura de um treinador e os alunos devem assimilar a rotina de um atleta (PERES, 2001).

A estratégia de implantação do esporte, como forma de equilibrar o desenvolvimento econômico com o social, foi massificada nas federações, associações e ligas desportivas, ora influenciando em suas filosofias de atuação, ou, se necessário, criando-as. Essa tática repercutiu na Educação Física Escolar, que deveria, prioritariamente, desenvolver o esporte e a busca pelos mais habilidosos ou aqueles com grande potencial esportivo (PAZIN, 2004).

Esses acontecimentos estavam em evidência nas instituições escolares, mas não eram unânimes dentro da classe de professores, havia aqueles que não concordavam com tal metodologia. Mas com ou sem a aceitação generalizada, a esportivização das aulas era algo que deveria ser implantada por todos, independentemente de sua visão (PAZIN, 2004).

O fato é que existiam intelectuais da Educação Física que criticavam a excessiva esportivização da área, um fenômeno também presente em outros países, não só específico no Brasil. Percebe-se que no período que compreende os anos finais da década de 60 e iniciais da década de 70, o perfil que se deveria adotar para a Educação Física estava indefinido, pois parecia estar confuso o que era ou não Educação Física, qual sua relação com o esporte e qual era sua grandeza dentro da escola e que outras possibilidades ela poderia apresentar (TABORDA, 2003).

Apesar de algumas resistências, o competitivismo crescia dentro da Educação Física, tendo o esporte como ferramenta para objetivos determinados a conquistar resultados a qualquer preço. Mas dentro desse contexto a Educação Física vivencia duas situações: uma voltada para a aula de treinamento: para os que demonstravam aptidão para alguma modalidade e a outra para aqueles que não foram selecionados para o treinamento da modalidade desenvolvida naquele momento (GUIRALDELLI JUNIOR, 1994).

Essa metodologia esportiva aplicada dentro das escolas objetivava fortalecer os interesses por uma população feliz com conquistas esportivas e sem tempo para articulações políticas, pois o jovem cansado pela dedicação aos treinamentos e regrado pelas determinações que a rotina esportiva impunha, não teria força para pensar em política. Essa doutrina esportiva era para ser interiorizada pelos estudantes “mais habilidosos”, para que assimilassem a determinação por resultados positivos, que trouxessem vitórias e conquistas. Uma pessoa que apresentasse tal perfil estaria pronta para entender a hierarquia e o bem servir, padrão que as indústrias precisavam como modelo de trabalhador (GUIRALDELLI JUNIOR, 1994, SOUSA, PELEGRINI, 2009).

O profissional, a partir da ideologia do milagre brasileiro, deveria atuar com olhar focado no rendimento ou no desempenho, priorizando os alunos mais habilidosos.

Os docentes de Educação Física, naquele momento, utilizavam metodologias centradas em turmas sexistas e homogêneas, onde os gestos repetitivos, com base em movimentos específicos do esporte, teriam a centralidade nas ações de ensinar e aprender mecanicamente, sempre com objetivos competitivos. Os esportes

passam a ser desenvolvidos, com mais frequência, como prática corporal dentro das aulas, e os objetivos pedagógicos voltados para a execução eficiente e eficaz do movimento técnico. Esse era o discurso pautado nos interesses de uma época, como o foram os discursos pedagógicos, biológicos ou por uma transformação social (GUIRALDELLI JUNIOR, 1994; CRUZ, MOREIRA, 2011).

Como os objetivos eram centrados na competição, os resultados alcançados por atletas de modalidades individuais ou coletivas, serviam de exemplo para a sociedade, ávida por referências esportivas que, de certo modo, serviam de incentivo para a prática de algum esporte, seja por lazer ou inserido como conteúdo nas aulas de Educação Física. Ao adotar essa filosofia, o profissional dessa área expõe as pessoas envolvidas ao extremo, pois a busca por melhores resultados, fatalmente resultará que outro sujeito experimente a frustração da derrota (STIGGER, 1999).

O binômio vitória/derrota se faz presente em qualquer exemplo de prática esportiva, seja na escola ou não, ele passa a pertencer a essa realidade. A Educação Física, ao se apropriar das práticas esportivas que evidenciam o momento de ganhar ou perder, propicia ao aluno a vivência para assimilar tal situação, mesmo sendo fácil ou não (STIGGER, 1999).

A finalidade desse modelo, apesar de seus aspectos positivos e negativos, era proporcionar uma iniciação, nos diferentes esportes, tornando-os uma referência fundamental da Educação Física. A publicação do decreto 69.450/71 fortalece esse período, por ser esse documento fundamental para fixar a aptidão física como referencial, para orientar o processo pedagógico que envolvia a Educação Física (MAGALHÃES, 2005).

Essa prática pedagógica no âmbito da Educação Física não pode ser compreendida de maneira descontextualizada, pois neste período histórico (1964-1985) o Tecnicismo Educacional e o Behaviorismo fundamentavam as ações no campo educacional (ROMANELLI, 1999; ARANHA, 1996).

Sendo assim, desconsiderava-se o que a criança já possuía de conhecimento motor ou cognitivo, pois tudo o que se praticava, era no mesmo ritmo e ao mesmo

tempo. Muitas das vezes, essa imposição de valores sociais e culturais estava além da realidade do aluno (DARIDO, 2003).

Percebe-se uma nova estruturação na Educação Física, o elemento principal dessa mudança deveria ser voltado para a cultura esportiva, ou melhor, competitiva. Tudo que se planejava, avaliava ou necessitava de um controle, tinha como parâmetro a aptidão física, com isso as almejadas conquistas pedagógicas ficavam mais limitadas ou em segundo plano. O pensamento de educar, preparando o aluno para o mundo, reforça a necessidade de se desenvolver o esporte como forma de competição dentro das aulas, pois competir, vencer ou perder apresentava-se como sinônimo de sobrevivência (CRUZ, MOREIRA, 2011, MAGALHÃES, 2005).

Bracht reforça citando que:

o esporte educa porque ensina a criança a conviver com a vitória e a derrota, ensina a respeitar as regras do jogo (já que todos são iguais perante a lei devemos respeitá-la; sem discuti-la), ensina a vencer (no jogo da vida) através do seu esforço pessoal (às vezes tem que momentaneamente aliar-se a outro ou outros para atingir este objetivo, processo que os pedagogos esportivos chamam de cooperação ou companheirismo), ensina a competir (já que a sociedade é extremamente competitiva e isto prepara para a vida), desenvolve o respeito pela autoridade que é o árbitro ou o professor (chama-se a isso de disciplina) ( p.64).

No período que compreende a atuação e supremacia do competitivismo, ou paralelo a ele, a Educação Física procura evidenciar, na sociedade, sua importância como uma disciplina prática que promove a educação integral, pois ela era vista como um meio de disciplinar a juventude ou promover a saúde.

Essa concepção de ensino, pautada na técnica esportiva, começa a encontrar versões que contrapunham seu ideal incessante pelo resultado, somente preocupado com o gesto esportivo resultando em vitórias.

Cruz e Moreira (2011) chamam a atenção para as aulas que ainda almejam somente um objetivo e esse preso a influências do Competitivismo, quando evidenciam que:

“fomentar uma prática pedagógica de Educação Física que não reflita sobre o que faz e seu papel na formação de seus alunos é ignorar que a formação do sujeito ocorre em diversas instancias sociais, dentre elas a escola” (2011, p.10).

É notório que, nesse período, poucos demonstravam uma visão da Educação Física com horizontes mais amplos em busca de novas descobertas e propícia a deixar o aluno vivenciar diferentes práticas corporais.

Castellani (2003) reitera tal ótica ao tecer o seguinte comentário:

Profissionais da Educação Física que se posicionam à luz dessa tendência emergente, não são muitos. Esperamos que não por muito tempo. Porém, carregam eles a percepção da necessidade de terem sempre presente em sua prática, a certeza de que as atividades corporais devem se configurar como instâncias onde o Homem aprenda a construir uma sociedade justa. Isto porque estão convictos de que, enquanto profissionais da Educação Física, estarão a mais se não colaborarem na construção de “Homens capazes de transformarem o tempo em que vivem” (pp. 221 e 222).

Demonstra que a Educação Física é dotada de inúmeras possibilidades de crescimento físico e intelectual, pois permite explorar a busca pelo desafio, pela superação, pelo conhecimento relacionado ao movimento.

Nessa perspectiva Castellani (2003) tece o seguinte comentário:

Esta é uma nova filosofia de vida e para ela pretendemos orientar a nossa gente pela Educação Física. Ela nos proporcionará um desenvolvimento muscular mais amplo, uma capacidade pulmonar maior, a circulação mais ativa e a função digestiva mais regularizada, em síntese, o equilíbrio orgânico (p. 98).

A Educação Física deve ser vista na ótica do que é possível dimensionar na escola, como um espaço democrático e com objetivos específicos para a educação. Educação que deve objetivar a formação de pessoas com capacidade para criticar e intervir sempre que possam pensar o presente para não lamentarem o futuro (VAGO, 1995).

De acordo com Vago (1995), a escola é um espaço social privilegiado, onde as relações humanas acontecem a partir do ato educativo, que se organiza e procura garantir aos alunos o acesso aos conhecimentos acumulados pela humanidade.

Com a crescente presença da Educação Física nas escolas, muitos profissionais que buscavam novos conhecimentos e grandes reconhecimentos, criticavam os modelos adotados nessa disciplina, que em alguns momentos apresentava um modelo biomédico – a disciplina militar associada à cientificidade –



ou uma distorcida redução da cultura corporal de movimento para o esporte de resultados (MAGALHÃES, 2005).

Sendo assim, outra faceta se apresentava dentro do que era proposto pelo momento esportivo e competitivo. A prática dos esportes coletivos, especialmente aqueles que necessitavam da bola, mostrava-se de fácil aplicação para professores e muito atrativa para os alunos. Mas em contrapartida, adotar essa prática como única, era abdicar dos conhecimentos e ensinamentos da cultura corporal, como as danças, lutas e as ginásticas, para se apropriar e desenvolver apenas as modalidades com mais apelo (MAGALHÃES, 2005).

Magalhães (2005) enfatiza estas mudanças quando cita que:

o reducionismo ao esporte nas aulas de Educação Física não permite que sejam socializados diversos conhecimentos que possibilitam ampliar o capital cultural de um sujeito. Lutas como a Capoeira, o jiu-jitsu, o judô, por exemplo, permitem aos alunos compreender o significado de atacar e defender, sem contar que um princípio básico do judô é lutar com o outro, e não contra o outro, e que as danças, além das habilidades corporais, exigem possibilidades expressivas dos sujeitos. Assim, por mais de 50 anos a associação do esporte competitivo à cientificidade do modelo biomédico e à disciplina militar constitui a base da formação de professores de Educação Física (p.4).

Pazin (2004) acrescenta além da utilização dessas metodologias, a importância da estrutura física da escola, com sua arquitetura e a organização de seus espaços. A parte física de uma escola torna-se um fator preponderante para um modelo de educação satisfatório, pois nele aprende-se a olhar e a ser olhado, quando se pode falar e quando se deve calar, exercita-se o ser escutado e quando se deve escutar o outro.

Dentro desse quadro, a Educação Física e o esporte passam a existir como um momento distinto para o aprendizado. Nele pode-se experimentar a observação e a articulação de ideias, promovendo assim um bom desenvolvimento no comportamento cognitivo, afetivo e motor (PAZIN, 2004).

Percebe-se que o esporte se apresenta como um mecanismo de intercessão pedagógica. Ele passa a ser o instrumento idealizado por todos, pois no contexto em que é desenvolvido, permite que seus defensores conquistem seus objetivos (PAZIN, 2004).

As leituras levam a entender que o esporte tornou-se a prática básica dentro da escola, porque passa a ser promovido nos moldes das práticas específicas de estabelecimentos esportivos, aquelas direcionadas para as competições ou para a busca da vitória.

A opção, até o momento, aponta para o competitivismo como a melhor fórmula para agregar resultados e interesses dos indivíduos envolvidos em seus meios e fins. A Educação Física mostra-se preocupada com as práticas esportivas, visando competições e conquista de resultados.

Valter Bracht (1999) classifica essa metodologia competitiva como uma prática que acontece na escola, fruto de aulas voltadas para a busca incessante pela vitória. Destaca também outra forma metodológica vinda da escola, com objetivos voltados para a interação e a socialização, prontos para resistir à transmissão de valores.

Desse modo, a Educação Física enfrenta seus dilemas, pois desenvolver aulas centradas no Competitivismo parece ser o meio mais fácil de doutrinar o aluno, com atividades simples para se explicar e aplicar, porquanto na maioria das práticas o objeto de desejo é a bola, unido a uma parcela individualizada ou coletiva do vencer. Por outro lado pode-se planejar e objetivar o desenvolvimento completo do aluno abrangendo o afetivo, o cognitivo e o motor.

Já o esporte da escola estará apoiado em outros valores para além desses pautados no individualismo exacerbado do esporte de alto nível. Busca-se um esporte em que a interação, cooperação e a solidariedade sejam os princípios de ação, ao invés da competitividade.

## 5. ABORDAGENS ATUAIS DA EDUCAÇÃO FÍSICA: MOVIMENTOS RENOVADORES

Nos capítulos anteriores procurou-se construir o contexto histórico da Educação Física brasileira perpassando por múltiplas concepções, dentre elas as que priorizam as seguintes ações: o desenvolvimento da aptidão física, higiene e formação moral dos trabalhadores. Nota-se ao longo da história da Educação Física no país, buscou-se, sobretudo, práticas referentes à identidade e legitimidade dessa área de ensino, pautada inicialmente nos exercícios físicos e na forma de ensino meramente instrutivo e, posteriormente, se instaura progressivamente a preocupação com o caráter educativo, como parte do currículo da escola.

Diante do exposto, apresentar-se-á, neste capítulo, as concepções de ensino na atualidade, definindo aquela pretendida para este trabalho de dissertação.

Como consequência da trajetória histórica, Castellani Filho (1999), trabalha com a ideia de que surgiram diversas concepções de ensino na Educação Física, classificadas da seguinte forma: teorias não propositivas, teorias propositivas não sistematizadas e as propositivas sistematizadas.

Para Castellani (1999), as teorias não propositivas englobam a vertente fenomenológica, a abordagem sociológica e por fim, a abordagem cultural. As teorias propositivas não sistematizadas incluem a concepção desenvolvimentista, uma abordagem em que o movimento é o principal meio e fim da Educação Física, sem responsabilizar-se diretamente a alfabetização.

A Educação Física pautada na Abordagem Cultural (DAOLIO, 1995) propõe uma ação a partir da ótica antropológica, realizando um contraponto à visão biológica, e sendo denominada de enfoque cultural, cuja principal vantagem não é a exclusão da dimensão biológica, mas a sua discussão atrelada ao surgimento da cultura. Daolio (1995) pressupõe que o ponto de partida da Educação Física tenha sua origem no repertório corporal da criança, pois considera que toda técnica corporal emerge de uma cultura.

A proposta da Concepção de Aulas Abertas, concebida por Hildebrandt e Laging (1986) buscava proporcionar aos alunos, a autonomia para a capacidade de

ação. Para Oliveira (1997) os conteúdos privilegiavam o movimento e suas relações com os outros e o mundo vivido e o processo avaliativo emerge da problematização e a comunicação, pois o professor deixa de ter papel central nas aulas.

Na concepção crítico emancipatória, Kunz (2004), como principal defensor dessa abordagem, a evidencia como uma forma de buscar um questionamento crítico da realidade para uma possível compreensão dos processos criados pela sociedade. Assim, considera que deva ser um ensino de “liberação das falsas ilusões, interesses e desejos, criados e construídos nos alunos pela visão de mundo que apresentam a partir do conhecimento”. (DARIDO, 2005, p. 15).

Portanto, Kunz (2004) parte do pressuposto de que o ensino nessa ótica, precisa pautar-se em um viés crítico, utilizando como processo de mediação a linguagem, pois a ação didática comunicativa considera essa forma de expressão o modo como os sujeitos interpretam, desenvolvem e apropriam-se da cultura em que estão inseridos.

Com relação às teorias propositivas sistematizadas, estas são representadas por duas abordagens: a primeira, a vertente da Aptidão Física, que tem como principal teórico na atualidade Vitor Matsudo.

Para Barbieri, Porelli e Mello (2008), essa Abordagem contém em seus fundamentos as ciências biológicas, pois se apresenta como sendo de grande importância nas últimas décadas, “para o estabelecimento e manutenção da sociedade capitalista, no sentido em que contribuiu para a formação de um novo homem”, adaptado aos mecanismos sociais exigidos por esse sistema (p. 232).

E, por fim, a abordagem Crítico Superadora ou a vertente da Cultura Corporal, concepção que devido às suas relações com o caráter histórico e social, traz para este estudo, uma imensa contribuição, pois o que se busca, realmente, é o resgate de aspectos históricos do Basquetebol de Volta Redonda, que possam contribuir com o ensino dessa modalidade na Educação Básica.

Sabe-se que, mesmo considerando a diversidade de tendências pedagógicas no campo da Educação Física, esse campo do saber atrela boa parte de sua história

à suas ações pedagógicas vinculadas à perspectiva da aptidão física, tendo como centralidade nas aulas, o conteúdo esportivo.

Nesse sentido, optar pela abordagem Crítico Superadora se deve ao fato dela privilegiar a expressão corporal, por meio do materialismo histórico-dialético de Karl Marx, que a toma como linguagem, sendo esta o patrimônio cultural que deve ser transmitido aos educandos (DAOLIO, 2004).

O Coletivo de Autores (1992) menciona a relevância do caráter histórico da corporeidade da seguinte forma:

A postura quadrúpede foi superada através das relações dos homens entre si. Uns aprendendo com os outros e aperfeiçoando as atividades corporais construídas a cada desafio da natureza ou necessidade humana imposta: fome, sede, frio, medo, etc. Por isso se afirma que a materialidade corpórea foi historicamente construída e, portanto, existe uma cultura corporal, resultado de conhecimentos socialmente produzidos e historicamente acumulados pela humanidade que necessitam ser retratados e transmitidos para os alunos da escola (p.39).

Pensar a partir dessa ótica, olhar historicamente a produção humana, é possibilitar uma abertura para se reinventar localmente a história do Basquetebol.

Para Stigger (2005) o esporte se insere em um contexto de globalização cultural estando relacionado ao desenvolvimento do esporte moderno. Essa perspectiva ao olhar de Santos (1995) se movimenta em uma direção de homogeneização das práticas, hierarquizando culturas e as tratando de forma desigual: o que neste trabalho vem sendo concebido como desperdício da experiência.

Partindo desse contexto, Santos (1995; 1997) apresenta dois modos de globalização hegemônica, o localismo globalizado e globalismo localizado. O primeiro apresenta-se por intermédio de padrões determinados por produções locais e pela sua expansão pelo mundo. O segundo está identificado pela transformação de práticas locais influenciados por manifestações culturais que foram globalizadas.

Na perspectiva de Stigger (2005) o esporte insere-se dentro desses dois modos de globalização hegemônica, pois realidades outrora praticadas em seus locais de origem, hoje são vivenciadas em todo o mundo, com particularidades

oriundas da sua essência. Por outro, lado algumas práticas que não tinham um cunho esportivo, foram modificadas em função de interesses diversos.

Seguindo nessa mesma direção, Santos (1995) reitera que, o esporte torna-se uma articulação entre esses dois modos de globalização, pois são eles os responsáveis pelo processo de desenvolvimento capaz de difundir uma prática com características padronizadas e de constituir, nesse universo, uma realidade sociocultural específica.

Levando em consideração os pressupostos supracitados, optou-se em propor a abordagem Crítico Superadora como uma intervenção na escola a partir da história do Basquetebol local, pois se acredita que ao possibilitar ao aluno o reconhecimento das singularidades produzidas na realidade de Volta Redonda, o Basquetebol possa ser resignificado pelas pessoas na/da escola em que está sendo produzido.

Assim, não se pode deixar de mencionar que na presente proposta de dissertação, se articula também a abordagem Crítico-Social dos Conteúdos, pois como os próprios autores da abordagem Crítico Superadora reiteram baseados em Saviani (1991): “o conteúdo contemporâneo liga-se ao que é clássico” (Coletivo de Autores, 1992, p. 31). Portanto, significa dizer que a seleção dos conteúdos deve garantir ao aluno o conhecimento do que existe de mais atual e contemporâneo, entretanto sem abrir mão daquilo que historicamente se convencionou como fundamental e essencial.

De outra forma tal vínculo é reafirmado ao dizerem:

“que os conteúdos de ensino emergem de conteúdos culturais universais, constituindo-se em domínio de conhecimento relativamente autônomos, incorporados pela humanidade e reavaliados, permanentemente em face da realidade social” (p. 30).

Considerando que a proposta deste estudo para a escola, se desenvolverá a partir da História do Basquetebol em Volta Redonda nas aulas de Educação Física, bem como o produto desta dissertação (O basquetebol de Volta Redonda: Uma história para ser recontada e reconhecida), torna-se necessária a apresentação dos

fundamentos da Cultura Corporal, o que se discutirá mais detalhadamente no próximo item.

### **5.1 A Abordagem Crítico Superadora: a importância da historicidade na construção de uma Educação na perspectiva da Cultura Corporal**

A Abordagem da Cultura Corporal (Coletivo de Autores, 1992) menciona que o diagnóstico é a possibilidade de constatar e ler dados da realidade, julgando-os dentro de um critério ético (judicativo), sempre dentro de uma linha de determinada classe social, e sempre com um objetivo específico e ou uma direção ou intervenção planejada (teleológico).

A Abordagem Crítico Superadora busca possibilitar a compreensão desses fatos, por parte dos alunos. Pontos como interesses, poder, empenho e debates, são meios que o ser humano dispõe para pronunciar-se em várias situações do cotidiano. Sendo assim, as formas de aquisição de conhecimentos ou como ele chega até nós, são apresentadas com base nesses vários aspectos, pois o aluno precisa confrontar os conhecimentos ditos comuns com os conhecimentos de cunho científico, para assim ampliar sua percepção do mundo (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Essa metodologia utiliza como ponto de partida o entendimento histórico-crítico, pois percebe ser o conhecimento o elemento de mediação entre o aluno e o seu apreender, com respeito à realidade social em que ele está inserido.

Dessa forma, ele teria a capacidade de construir, explanar e compreender para assim poder intervir na realidade social. Vale ressaltar seu propósito quanto à interação de diversos elementos como o trato com o conhecimento, o tempo e o espaço. Bem como às normas e segmentos sociais onde estão incluídos os professores, funcionários, alunos e seus pais, comunidade e órgãos da administração (OLIVEIRA, 1997; CASTELLANI, 1997).

Na concepção crítico superadora, a Educação Física é a disciplina que trata diretamente do conhecimento intitulado cultura corporal, que tem como conteúdos os jogos, o esporte, a ginástica e as lutas, sendo estes preparados e considerados de acordo com a relevância social dos conteúdos, a contemporaneidade e sua adequação às características sócio-cognitivas dos alunos (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Na perspectiva crítico-superadora e com os conteúdos específicos relacionados aos elementos da cultura corporal, as aulas de Educação Física precisam buscar, como ponto de partida, os conhecimentos que os alunos possuem a respeito dos conteúdos que serão desenvolvidos e, ainda, levar em consideração, a realidade histórico-social em que esse aluno está inserido, pois dessa forma será possível, dar sentido e significado aos conteúdos ministrados. Nesse sentido, busque-se a partir da leitura da realidade (diagnóstico) em que se está inserido, elementos que possibilitem contextualizar o ensino (judicativo), para daí intervir na realidade (teleologia) modificando-a segundo os interesses dos indivíduos (BARBIERI; PORELLI; MELLO 2008).

Gasparin (2005) reitera tal ótica afirmando que:

O interesse do professor por aquilo que os alunos já conhecem é uma ocupação prévia sobre o tema que será desenvolvido. É um cuidado preliminar que visa saber quais as “pré-ocupações” que estão nas mentes e nos sentimentos dos escolares. Isso possibilita ao professor desenvolver um trabalho pedagógico mais adequado, a fim de que os educandos, nas fases posteriores do processo, apropriem-se de um conhecimento significativo para suas vidas (p. 16).

Essa concepção permite que o aluno posicione-se como sujeito histórico, com capacidade para interferir na sociedade. A Educação Física, pautada nessa perspectiva, pode contribuir para diminuir a individualidade, trabalhando para que esta possa ser substituída pela solidariedade, ou que a cooperação apresente-se com maior evidência que a disputa (BARBIERI; PORELLI; MELLO 2008).

Acredita-se que ao indagar aos professores, qual o saber ou o conhecimento que possuem relacionado ao Basquetebol, como por exemplo, a origem dessa modalidade, qual campeonato ele destacaria, nome de jogadores famosos e outros, as informações, em geral, viriam de forma globalizada, ou seja, eles responderiam



sobre o que é oriundo do basquete norte americano, aquele praticado profissionalmente – a N.B.A. (National Basketball Association). Essa visão pode ser retratada pelo relato de um profissional entrevistado, quando o mesmo comenta que: “em suas aulas, com o auxílio de vídeos, parte da proposta de entendimento da criação desse esporte e procura chamar à atenção para a realidade da supremacia americana e pontuar os sucessos do basquete brasileiro”.

Sendo assim, acredita-se serem de pouco conhecimento os fatos referentes à história local, para alguns professores de Educação Física e para, quase, todos os alunos.

Barros (2007) refere-se ao estudo mais específico de uma determinada prática social, como sendo parte da micro história, pois ela pode apontar para uma trajetória de determinados sujeitos ou de fatos marcantes que se possam ser examinados.

O autor reforça esta ótica citando que um historiador

elabora a biografia ou a “história de vida” de um indivíduo (e frequentemente escolherá um indivíduo anônimo) o que o estará interessando não é propriamente biografar este indivíduo, mas sim os aspectos que poderá perceber através do exame micro-localizado desta vida (p.169).

Outros autores reforçam esta perspectiva quando discursam que o homem não chegou ao mundo praticando esporte, menos ainda pensando em relacionar esta prática com a qualidade de vida. Para Souza *et al* (2011), o modo de vida de cada um foi se concretizando pelo trabalho, pelas atividades do cotidiano, desta forma o homem pode produzir e reproduzir o que passaria a pertencer aos seus interesses de vida. Esta relação reflete uma construção da cultura corporal, pois está presente nas práticas dos jogos, do esporte, da dança, da ginástica, das lutas e outras praticadas dentro na escola organizadas pedagogicamente.

Portanto, percebeu-se que a metodologia proposta pela abordagem Crítico Superadora permite o resgate histórico do conteúdo a ser desenvolvido em aula atendendo aos objetivos propostos neste trabalho, que tem como base a possibilidade do aluno aprender o Basquetebol articulada à realidade local. Para Saviani (2005) a educação apresenta-se como principal articulador entre o

conhecimento historicamente produzido e acumulado pelo homem e as novas gerações. Dessa forma, a educação atua na produção e reprodução da vida humana.

Levando em consideração que a educação enreda a historicidade humana e a produção contemporânea da sociedade, Neira e Nunes (2008) ressaltam que as conquistas materiais e simbólicas ao integrarem à cultura corporal, presente na sociedade em forma de exercícios físicos, momentos recreativos, treinamento desportivo, nas lutas, dentre outras práticas corporais, revelam a cultura em que estão inseridos. Assim, percebe-se a necessidade de que os sujeitos tenham acesso, a cada uma dessas manifestações.

Nessa ótica os autores apresentam a sua preocupação em possibilitar uma visão de historicidade ao aluno, oportunizando a compreensão da dinâmica das relações sociais nas quais ele está inserido.

A partir do processo de ensino, acredita-se que será possível, ao educando, a reflexão a respeito das práticas corporais, na condição de sujeito histórico, tendo este a capacidade de intervir na sociedade, seja ela local ou global (NEIRA e NUNES, 2008).

Com relação à possibilidade de intervenção social Caparroz (1997) comenta que ela está ligada à interação do sujeito com o mundo. Quando a intenção é definir a Educação Física como ferramenta educacional, uma contribuição importante está no aspecto sociabilizador que ela proporciona.

Bracht, com sua citação da obra de Caparroz, tece o seguinte comentário a esse respeito:

A socialização do indivíduo ou da criança se dá exatamente através da internalização de valores e de normas de conduta da sociedade a que pertence. A escola é uma das instituições que promove tal socialização. Portanto, o fenômeno da socialização ou a aprendizagem também ocorre nas aulas de Educação Física, sendo inclusive, enfatizada como importante função pela pedagogia desportiva ou da Educação Física (BRACHT APUD CAPARROZ, 1997, p. 67).

As práticas da cultura de movimento produzidas fora da escola, não devem ser meramente transmitidas, como se estivessem longe do alcance dos alunos. O

desafio é transmiti-las na escola e ela se tornar uma possibilidade de intervenção da cultura corporal da sociedade (VAGO, 1997).

As experiências específicas do ser humano foram determinando uma sistematização e um acúmulo de informações transmitidas através dos conteúdos escolares. Um professor precisa garantir que os alunos apropriem-se destas experiências, para que um horizonte de humanização e desenvolvimento possa existir para estes indivíduos. As relações com o mundo, com o que foi produzido historicamente e consigo mesmo permite ao indivíduo buscar novas formas de compreensão de suas práticas atuais ou para o futuro (NASCIMENTO et al, 2009).

Seguindo nessa mesma direção e caminhando na trajetória proposta por esse trabalho, Neira e Nunes (2008, p. 218) afirmam que privilegiar a realidade local contribui com a linguagem corporal do aluno: “ao entrecruzar-se com a cultura, o indivíduo tanto constrói sua motricidade como expressa suas produções culturais”.

Outro aspecto que vale ressaltar é mencionado por Silveira e Pinto (2001) ao comentarem que os aspectos históricos, estéticos, culturais, políticos, dentre outros, devem ser estudados e pesquisados sob a ótica do movimento, pois a Educação Física deve ser considerada sob todos os aspectos.

Frisar tal perspectiva é relevante por tornar os conteúdos relacionados à cultura de movimento, uma vivência corporal com potencialidade de intervenção social, devido ao seu caráter diagnóstico, judicativo e teleológico (SILVEIRA, PINTO, 2001).

No entanto Silveira e Pinto (2001) ainda reiteram que, para existir tal possibilidade, é preciso compreender o processo denominado de culturalização do movimento, pois este se dá pelas ações e reações do organismo, que se transformam em signos, porquanto a construção da imagem faz o sistema nervoso central responder e conseqüentemente armazenar-se na consciência do aluno.

Ampliar as possibilidades para que os discentes possam adaptar os produtos que lhes chegam, para daí acessar a cultura corporal, o que lhes permitiriam resgatar as experiências corporais produzidas historicamente. Neste sentido, é preciso refletir sobre esses os conteúdos junto aos alunos, para que estes possam

ser capazes de dar um significado a partir do contexto em que estão inseridos (NASCIMENTO et al, 2009).

Assim, ao resgatar sua cultura de movimento, o indivíduo tem a compreensão para escolher o que fazer na tomada de decisão. Essa experiência sendo ou não utilizada, ficará arquivada em sua memória (NEIRA, NUNES, 2008).

Nessa perspectiva as imagens proporcionadas pelos meios de comunicação, nos levam a uma reflexão sobre os valores e conceitos do corpo. Dessa forma as práticas e movimentos veiculados pela cultura são reconstruídos. Isso significa que em todo momento se é levado a uma reestruturação (NEIRA, NUNES, 2008).

Nessa ótica, o que foi produzido pelo homem, ao longo da história da humanidade, pode ser representado nos temas da cultura corporal. Dentro da realidade escolar, esses temas estão diretamente ligados ao sentido/significado que o aluno concede aos conteúdos que lhes chegam, confrontando-se com a intencionalidade/objetivos do docente, que estabelece o seu processo de intervenção, buscando atingir determinadas intenções e/ou objetivos da sociedade em que estão inseridos (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

As práticas corporais devem ser analisadas e entendidas pelos alunos, em todos os sentidos, seja pelo conhecimento de sua construção histórica, seja pela influência na qualidade de vida, pela forma como elas são propostas pelas políticas públicas destinadas ao esporte e o lazer ou pela massificação que a mídia impõe. Desta forma, o professor, segundo Silveira (2001), teria a possibilidade de ampliar a capacidade crítica dos alunos.

Assim, para Kunz (2004) a normatização e padronização do esporte, visa atender os rendimentos cobrados pelas sociedades industriais. Nesse sentido, caminha na mesma direção que a Abordagem Crítico Superadora ao mencionar que prática do esporte na escola deve passar por análise dos interesses, desejos e necessidades que formam as instituições sociais.

O fator de responsabilidade, que contribui para o desenvolvimento do jovem, está atrelado à realidade social que se propõe à Educação Física. Um questionamento em relação às encenações do esporte, bem como do jogo e do

movimento e suas implicações sociais, pode ser o caminho para essa compreensão (KUNZ, 2004).

Para Busso e Venditti Junior (2005), o conteúdo para o ensino dos esportes nas aulas de Educação Física, não pode ser apenas prático, deve ser desenvolvido, também, por meio da problematização. Analisá-lo criticamente e vivenciar a oportunidade de tematizá-lo em diferentes formas e pontos de vista, proporciona um novo olhar para o aluno que vivencia um processo de ensino e aprendizagem que permite a reflexão crítica a partir da contextualização dos conteúdos.

Busso e Venditti Junior (2005) ainda consideram que a mediação entre o uso da razão crítica e todo o agir social, cultural e esportivo, sistematizados pela educação, possibilita o alcance da emancipação, pois o aluno passa a refletir e experimentar um estado de liberdade, ao ser induzido a conhecer seus verdadeiros interesses.

Nessa ótica, a Educação Física possui a possibilidade de contribuir com o processo de intervenção e mudança social, utilizando conteúdos de caráter teórico-prático, que podem dar transparência ao fenômeno esportivo, permitindo ao aluno uma visão mais ampla da realidade do esporte, dos movimentos e dos jogos, sempre ajustando suas possibilidades com tais práticas corporais (BUSSO, VENDITTI JUNIOR (2005).

Para o Coletivo de Autores (1992) a Cultura Corporal traz, em seu bojo, a necessidade de tematização das questões sociais articuladas à realidade local: relações de poder, papéis sociais, discriminação por sexo, idade, cor, saneamento básico, Meio Ambiente, Saúde, dentre outros temas. Essa ação possibilita o debate dos temas anunciados com os conteúdos permitindo ao aluno significá-los a partir do contexto vivido.

Para Assis (2010) a possibilidade de tematizar as aulas dialoga com a concepção de currículo ampliado presente na Abordagem Crítico Superadora ou da Cultura Corporal, pois parte do pressuposto de que a dinâmica curricular, composta de três pólos (o Trato com o Conhecimento, a Organização Escolar e a Normatização Escolar), ordena a amplitude e a qualidade da reflexão.

Com relação ao Trato com o Conhecimento o Coletivo de Autores (1992) considera que: “trata-se de uma direção científica do conhecimento universal enquanto saber escolar que orienta sua seleção, bem como a sua organização e sistematização lógica e metodológica” (p. 30).

Entretanto, a construção desse conhecimento não se desenvolve no vazio, mas vinculado a uma disposição escolar: a organização e do tempo e do espaço para se aprender.

Assim, essa abordagem parte do princípio que existe a necessidade de um tempo organizado sob a forma de “horários, turnos, jornadas, séries, sessões, encontros, módulos, seminários, etc” (p. 30). E de um tempo organizado no espaço físico e pedagógico das salas, quadras, refeitórios, bibliotecas, auditórios, dentre outros espaços construídos pelos indivíduos no cotidiano escolar.

Por fim, a normatização escolar, que se define pela sistematização de normas, regras, regimentos, modelos de gestão, dentre outras.

Assis (2010) ainda comenta que o conhecimento nessa abordagem se constitui a partir de diversos princípios curriculares, conforme disposto a seguir: relevância social do conteúdo, contemporaneidade do conteúdo, adequação às possibilidades sócio-cognoscitivas do aluno, simultaneidade dos conteúdos como dados da realidade, espiralidade da incorporação das referências do pensamento e provisoriedade do conhecimento.

Ao se considerar o produto proposto e a ação esportiva como um processo de intervenção social, entende-se que os princípios apresentados permitirão uma aproximação com os dados da realidade do aluno (adequação às possibilidades sócio-cognoscitivas do aluno), pois se deve perceber que o professor ao utilizar o vídeo (produto desta dissertação) rompe com a produção hegemônica do Basquetebol e dialoga com uma produção local, que faz parte da historicidade dos indivíduos que compõem tal realidade social. Nesse sentido, a relevância social do conteúdo, outro princípio apresentado pelo Coletivo de Autores (1992) também seria contemplado.

O princípio da Simultaneidade dos Conteúdos como Dados da Realidade, pode ser apreciado ao permitir que o professor ao historicizar o Basquetebol local, dialogue com a construção da cidade de Volta Redonda, pois o desenvolvimento do Basquetebol, na cidade não se procedeu desvinculado da história local, pelo contrário a Companhia Siderúrgica Nacional teve uma importância significativa no processo de construção do esporte no município de Volta Redonda. Portanto, os conteúdos de história e geografia, que serviram inclusive para que o estado getulista definisse o município de Volta Redonda como um espaço propício para a construção da CSN, podem ser abordados simultaneamente pelos docentes.

Outro princípio importante a ser considerado é o princípio da Espiralidade, pois significa “compreender as diferentes formas de organizar as referências do pensamento sobre o conhecimento para ampliá-las” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 33). Deve-se considerar a articulação com o tempo pedagogicamente necessário para a aprendizagem.

O que se busca elucidar é a necessidade de se considerar a proposta de ciclos de escolarização em que os conteúdos devem ser abarcados: indo da constatação até à explicação. O que a abordagem procura explicitar por intermédio desse princípio é a necessidade de que o professor considere a complexidade presente nos fenômenos.

Nessa perspectiva, a ideia de espiralidade, rompe com a linearidade, ou seja, como é tratado o conhecimento na escola, pois o conhecimento que é a representação do real no pensamento vai se construindo à medida que as referências do pensamento vão se ampliando. “Esses princípios rompem com a lógica formal (fragmentação, estaticidade, unilateralidade, terminalidade, linearidade e etapismo) que trabalham com a lógica dialética (totalidade, movimento, mudança qualitativa e contradição)” (ASSIS, 2010, p. 26).

Portanto, cabe destacar que partindo dos pressupostos da Abordagem Crítico Superadora o esporte é concebido como uma produção histórica e cultural, “subordinando-se aos códigos e significados que lhe imprime a sociedade capitalista e, por isso, não pode ser afastado das condições inerentes, especialmente no

momento em que se lhe atribuem valores educativos para justificá-lo no currículo escolar” (ASSIS, 2010, p. 27).

Considerar tal condição a escolher essa proposta pedagógica para balizar os pressupostos teóricos desta dissertação. Ao conceber o esporte como um fenômeno social, partiu-se da ideia de que ele precisa ser questionado em suas normas e nas condições de sua adaptação à realidade local, bem como a cultura da comunidade na qual está sendo inserido.



## 6. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A pesquisa foi desenvolvida na rede municipal de ensino de Volta Redonda, no período compreendido entre 2012 e 2013. Conforme exposto na metodologia, o instrumento utilizado na intenção de investigar o ensino do Basquetebol nas escolas da rede municipal de ensino de Volta Redonda foi um questionário com perguntas abertas e fechadas. Cabe salientar essa rede municipal de ensino possui atualmente cinquenta professores de Educação Física, entretanto, somente trinta e dois professores participaram da produção dos dados empíricos. Os docentes que se configuram como sujeitos da pesquisa lecionam, em sua totalidade, nos anos finais do Ensino Fundamental.

Sabendo que o esporte é constituinte da realidade escolar, ele precisa estar além da prática nas aulas de Educação Física, e deve ser capaz de estabelecer uma ligação com o que o aluno absorve de conhecimento (ASSIS, 2010).

A partir dessa preocupação, buscou-se investigar a maneira como os professores de Educação Física desenvolvem os processos de ensino e aprendizagem com o Basquetebol nas escolas.

A primeira pergunta do questionário permitiu a aproximação das práticas docentes e da maneira como os professores concebem a história do Basquetebol. Ao analisar a resposta da primeira pergunta do questionário - O Basquetebol faz parte do seu conteúdo de ensino? -, percebe-se que todos os professores entrevistados trabalham com o Basquetebol, o que caracteriza um indício de que há uma articulação em rede, isto é, um planejamento sistematizado pela rede municipal de ensino.

Considerando que a Abordagem Crítico Superadora ou Cultura Corporal prioriza o reconhecimento histórico das práticas corporais, questionou-se os docentes da seguinte forma (Pergunta 2): **Seria possível ensinar o Basquetebol por meio da História local?**

É importante evidenciar que dos trinta e dois professores entrevistados, três professores disseram que não seria possível ensinar o Basquetebol a partir da

história local. No entanto, é preciso problematizar tais respostas, pois quando solicitados a justificar, os professores relataram o seu posicionamento da seguinte forma:

**O Professor 1** relata que a história do esporte extrapola os limites de uma história regional, porém essa história **não deve ser renegada como parte do conteúdo**

**O Professor 2** relata a **falta de conhecimento** sobre o assunto para ensinar

**O Professor 5** relata a **dificuldade em encontrar material didático** referente ao assunto

Ao olhar atentamente a resposta do professor 1, percebe-se que o docente não nega a possibilidade do trabalho com os conhecimentos locais, mas considera a necessidade de relacionar as demandas locais ao que ocorre no espaço global.

Com relação ao depoimento do professor 5, é relevante salientar que o docente menciona a dificuldade em encontrar material didático que possibilite tal intervenção, problemática que esta dissertação busca enfrentar ao propor como produto um material em formato de DVD, visibilizando as memórias do Basquetebol em Volta Redonda.

No que diz respeito aos docentes que justificaram a sua resposta, percebe-se uma aproximação com o que o Coletivo de Autores (1992) considera relevante ao desenvolver uma ação pedagógica: “É fundamental para essa perspectiva da prática pedagógica da Educação Física o desenvolvimento da noção de historicidade da cultura corporal” (p. 39).

Na tentativa de problematizar os dados empíricos da pesquisa, gostaríamos de retomar a discussão em relação aos professores que não justificaram a segunda pergunta do questionário. A razão de reiniciar tal debate se deve pela articulação que faremos com a pergunta três do instrumento de investigação: **O que dificulta o ensino do Basquetebol, por meio da história local?** (Questão 3)

Ao buscar a resposta dos docentes para essa pergunta, o professor 2, responde: *“a falta de conhecimento sobre o assunto para ensinar”*. A resposta do docente nos permite problematizar as dificuldades enfrentadas pelos profissionais de Educação Física, pois durante um longo período a formação do docente em

Educação Física priorizou o gesto técnico, tendo o esporte de alto nível como referência, contrapondo-se ao esporte **da** escola, um esporte reinventado e recriado pelos sujeitos em sua realidade (CAPARROZ, 2005; VAGO, VAGO, 1999).

Não possuir conhecimento suficiente sobre um determinado conteúdo, remete à situação do professor 2 com a sua formação inicial ou com a formação continuada. Esse profissional pode ser o resultado de uma grade curricular com conteúdos ineficazes, para a transmissão de conhecimentos que propicie a esse professor, desenvolver em suas aulas inúmeras práticas, sejam elas esportivas ou não.

Outra possibilidade é a iniciativa desse profissional em envolver-se com as novas culturas do saber ou com as recentes propostas pedagógicas que emergem nas formações continuadas. Esses momentos pretendem dar um suporte para o professor, para que consiga desenvolver sua função na sociedade.

A narrativa do professor 5 evidencia e justifica a situação problema que emerge desta dissertação, e, principalmente da elaboração do produto, pois o docente relata que o problema de se incluir, no conteúdo da Educação Física, a história local, está diretamente ligado “à *dificuldade em encontrar o material didático referente ao assunto*”.

Com relação à pergunta 3, é importante esclarecer que os outros trinta professores não se posicionaram em relação à dificuldade de desenvolver ações pedagógicas a partir da história local.

Passando à análise da pergunta 4 do questionário - A história local do esporte deve ser incluída nos conteúdos da disciplina Educação Física? - apenas um dos entrevistados não considera importante a inclusão desse tema (história local) em suas aulas (professor 4). Dessa forma cabe perguntar: Até que ponto esse professor se utiliza do esporte na perspectiva tecnicista em suas aulas?

No entanto, a resposta do docente nos remete a uma contradição em suas narrativas, pois na pergunta dois (**Seria possível ensinar o Basquetebol por meio da História local?**) o professor menciona a necessidade de contextualizar conteúdos ensinados na Educação Física e, que, a história local, independente de sua origem, ela é base para os conhecimentos atuais.

A ambiguidade revelada na narrativa do professor remete a duas questões centrais: o distanciamento entre teoria e prática e o desconhecimento sobre os pressupostos teóricos de outras abordagens.

Com relação ao distanciamento entre a teoria e a prática é importante esclarecer que o fato de ler ou estudar tal teoria não implica em uma compreensão de como se desenvolve a sua metodologia de implementação. Isso leva à segunda questão, um possível desconhecimento dos pressupostos teóricos da abordagem crítico superadora.

O docente que atua na perspectiva da cultura corporal deve entender que os conteúdos abordados em aula, emergem das demandas sociais que impactam a realidade em que a comunidade escolar está inserida, portanto, o diagnóstico, conforme já exposto neste trabalho, é elemento fundamental no planejamento pedagógico da escola e em decorrência da Educação Física.

Partindo desse pressuposto, deve-se salientar que, a partir da compreensão da realidade local, e da materialidade histórica que a compõe, o docente estabelece o seu processo de intervenção (teleologia), o seu planejamento. Para o Coletivo de Autores (1992), “essa visão de historicidade tem um objetivo: a compreensão de que a produção humana é histórica, inesgotável e provisória” (p. 40).

Assim, não se quer aqui julgar a posição do docente, mas realizar o movimento de problematização do seu ponto de vista para daí pensar em um processo de intervenção, como o proposto no produto desta dissertação.

Outro aspecto importante a ser ressaltado em relação à pergunta 4 (A história local do esporte deve ser incluída nos conteúdos da disciplina Educação Física?) emerge nos depoimentos dos professores:

***Professor 3*** : É importante ensinar o passado da modalidade, pois os alunos enriquecerão sua cultura e poderão sentir cada vez mais orgulho em morar na sua cidade. **Além de entender o presente, baseado nas dificuldades do passado.**

***Professor 4***: A contextualização dos conteúdos ensinados pela Educação Física na escola é um dos pressupostos para uma educação de qualidade. É importantíssimo acontecer um esclarecimento maior sobre a cultura esportiva da região, de modo a levar os alunos a **identificarem-se com a mesma**. A história local, independente de sua origem, ela é base para os conhecimentos atuais.

**Professor 6:** O conhecimento da realidade histórica trás inúmeros benefícios, dentre eles um conhecimento mais **significativo para a comunidade escolar**, bem como passa a ser uma excelente estratégia para sensibilizar o aluno perante o conteúdo.

**Professor 7:** O resgate da história local deve estar mais próximo possível da **realidade social dos alunos**.

**Professor 8:** Um material deste tema, além de ser um atrativo para os alunos e importante para o seu desenvolvimento, permite conhecer melhor a modalidade e nos ajuda a compreender **os fatos presentes**.

**Professor 9:** Toda proposta que esta **mais próxima da realidade e cotidiano do aluno é válida**. Torna-se uma referência concreta e real.

**Professora 10:** Seria muito importante, os alunos podem se **identificar e se apropriar melhor do conhecimento**.

**Professor 12:** Nas aulas de Educação Física **a história local**, de qualquer modalidade, deve fazer parte do conteúdo desenvolvido.

**Professor 13:** Pode ser um motivo a mais para **motivar os alunos a praticarem esporte**.

**Professor 14:** É importante a **valorização da nossa cidade** e tudo o que aconteceu e acontece nela.

**Professor 18:** **Acrescentar a história local** só ajuda no interesse dos educandos.

**Professor 20:** É importante para a construção da identidade social e do conhecimento, por parte do aluno, sobre a **produção cultural** de sua história.

**Professor 21:** Qualquer atitude de enriquecimento como válvula de escape para o **trabalho docente** fica ótimo e sempre é bem vindo.

**Professor 22:** A **história local** favorece a “amarragem” de vários conteúdos, seja ele teórico ou prático.

**Professor 25:** A **motivação será maior**, considerando a possibilidade, inclusive, da presença de ex-jogadores ainda vivos e morando em Volta Redonda.

A apresentação de apenas 15 relatos dos 31 professores entrevistados, deve-se em razão dos outros 16 participantes da pesquisa, não apresentarem justificativas para a referida resposta.

É importante que se perceba que o Coletivo de Autores (1992) defende a ideia de que a escola deve priorizar as discussões e os processos de ensino e aprendizagem pautados na relação sentido e significado na tentativa de permitir ao discente uma análise crítica dos conteúdos ministrados, em vez de uma aprendizagem mecânica do ensino tradicional (docentes 3,4,6,18,).

Assim, os relatos dos professores supracitados se aproximam da ótica superadora, que permite ao docente utilizar as temáticas e os problemas locais como ponto de partida para a discussão de problemas sociais, políticos e econômicos (docentes 9, 10, 14, 20 e 22).

Outro aspecto relevante que foi mencionado pelos docentes (pergunta 4), e que é tema central deste estudo, está evidenciado nas justificativas de nove professores (docentes 3, 4, 6, 7, 12, 18, 20, 21 e 22) quando esses demonstram a existência de uma preocupação com o resgate da história local.

Não se pode deixar de refletir sobre o fato de alguns profissionais não exporem suas justificativas, que possibilitariam uma melhor compreensão na sua forma de pensar e agir no que se refere ao trato com suas experiências no cotidiano escolar.

O silêncio evidenciado nas justificativas causa impressão de que alguns profissionais compreendem a realidade apenas a partir de um único prisma, o conhecimento hegemônico. O esporte hegemônico é a técnica do movimento transparecendo ser a única forma de conteúdo para as aulas (SANTOS, 2002).

Nesse sentido, Santos (2002) entende que o paradigma dominante, por intermédio da razão indolente, monocultural, não considera credível outras formas de conhecimentos, como por exemplo: o senso comum e os estudos humanísticos (históricos, jurídicos, literários, filosóficos e teleológicos), e em relação à pesquisa o conhecimento local.

Com referência à pergunta 5 do questionário (**Em que fase do ensino é desenvolvida a história do basquete?**) 12 professores mencionam que o conteúdo deve ser desenvolvido no 6º ou 7º ano do Ensino Fundamental, 10 professores respondem que o Basquetebol deve ser o conteúdo do 8º ou 9º ano e 10 professores consideram apropriado que tal aprendizagem seja efetuada no Ensino Médio.

Diante da diversidade das respostas apresentadas cabe o seguinte questionamento: até que ponto os docentes consideram o planejamento estabelecido pela SME-VR? Se discordam de tal planejamento, qual a abordagem pedagógica utilizada pelos docentes para referendar a sua ação pedagógica?

O que se busca refletir, diante dos dados apresentados, caminha em duas direções: a primeira dialoga com as diretrizes da rede municipal (SME-VR Secretaria

Municipal de Educação de Volta Redonda) e a segunda com uma possível abordagem do campo da Educação Física.

Com relação à primeira direção, ao se analisar o documento da SME-VR que direciona as ações curriculares, depara-se com a sugestão de que os Professores abordem algumas particularidades (regras, fundamentos e sistemas táticos) do Basquetebol, a partir dos anos finais do ensino fundamental. É necessário frisar, que na rede municipal, a Educação Física não atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Outro aspecto relevante é o fato de que o documento não sugere a abordagem do processo histórico. No entanto, cabe ressaltar a contradição do documento, pois apresenta uma proposta citando que:

A Educação Física não é um conhecimento que se possa incorporar dissociado de uma vivência concreta, não pode transformar-se num discurso sobre a cultura corporal do movimento, sob a pena de perder a riqueza de sua especificidade, mas deve constituir-se como uma ação pedagógica que será sempre uma vivência impregnada da corporeidade do sentir e do relacionar-se (SME, 2013, p. 1)

Sabendo que a corporeidade perpassa por um processo singular do ser humano e, que se constitui na tessitura do passado (história de vida), do presente (momento atual) e do devir (aquilo que o sujeito pensa em relação ao seu futuro), percebe-se uma contradição ao constatar que o documento não privilegia a história do Basquetebol, desconsiderando a base do que apresenta em sua proposta filosófica (Cultura Corporal e Corporeidade).

Outra parte do documento permite que se perceba a contradição já mencionada é quando se refere ao conteúdo conceitual:

A Educação Física deve levar o aluno a **descobrir motivos e sentidos nas praticas corporais**, favorecer o desenvolvimento de atitudes positivas para com elas levar a aprendizagem de comportamentos adequados á sua pratica, **levar ao conhecimento, compreensão**, e análise do seu intelecto os dados científicos e filosóficos relacionados á cultura corporal de movimento, dirigir sua vontade e sua emoção para a pratica e a apreciação do corpo em movimento (SME, 2013, p. 2).

Segundo o Coletivo de Autores (1992) o caráter histórico é fundamental para que se compreenda o processo teleológico – “por que determina o alvo onde se quer chegar” (p. 25) – permitindo ao aluno desenvolver, em face de seu passado, de suas

representações, de sua corporeidade, desenvolva suas significações objetivas, o seu sentido pessoal e coletivo.

Com relação à segunda direção, ao se considerar uma abordagem, como por exemplo, a Crítico-Superadora, aqui defendida, deve-se levar em consideração o Princípio da Espiralidade: “significa compreender as diferentes formas de organizar as referências do pensamento sobre o conhecimento para ampliá-las” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.33).

É fundamental que se perceba que esse princípio rompe com a ideia de linearidade, conforme é tratado atualmente o conhecimento na escola, pois a fragmentação imposta pelo etapismo não permite que o aluno estabeleça relações compreendendo a complexidade que envolve os fenômenos socioambientais.

Assim, a abordagem sugere uma prática pedagógica acatando uma perspectiva espiralada, onde o ciclo respeita “os conteúdos de ensino que são tratados simultaneamente, constituindo-se referências que vão se ampliando no pensamento do aluno de forma espiralada” (p.34), indo da constatação dos dados da realidade, passando pela interpretação, pela compreensão até a possibilidade da explicação.

O primeiro ciclo compreende a Educação Infantil e os três anos iniciais do Ensino Fundamental. Não sendo essa a faixa etária compreendida pelo presente estudo, não será feito um aprofundamento em suas características.

O segundo ciclo é o período da iniciação à sistematização do conhecimento. É nele que o aluno adquire a consciência perante sua atividade mental, percebe as possibilidades de abstração, tendo a possibilidade de confrontar seu pensamento com os dados da realidade. Soma-se ainda o estabelecimento coerente, dependente e com relações mais específicas, que pode ser representado no seu modo de ser (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Essa sistematização vai se ampliando no terceiro ciclo, juntamente com as referências conceituais do seu pensamento. É o momento em que o aluno administra com mais eficiência o pensamento teórico, pois já possui uma



sensibilidade na identificação dos dados da realidade (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Outra particularidade na questão 5 (**Em que fase do ensino é desenvolvida a história do basquete**), é o fato de 10 entrevistados assinalarem o ensino médio, como a fase em que ensinam a história do Basquetebol. Questiona-se este posicionamento: qual critério eles utilizam para, somente neste segmento, incluir esse conteúdo.

O Coletivo de Autores apresenta uma proposta de apropriação do conhecimento seguindo o princípio da espiralidade, para melhor compreender e incorporar os conteúdos ensinados. A obra citada concebe esse princípio da seguinte forma: “Significa compreender as diferentes formas de organizar as referências do pensamento sobre o conhecimento para ampliá-las” (1992, p. 30). Pensar o currículo a partir dessa referência nos permite perceber que há uma seqüência do conhecimento ou ordenação do pensamento.

Esse conceito apreende que há uma ampliação do conhecimento a cada ciclo de ensino e ao se chegar no 4º ciclo, é o momento de aprofundamento da sistematização do conhecimento, onde o aluno deve ser incentivado à pesquisa, adquirindo uma condição de produtor de conhecimentos científicos. A escola deve ter a intenção de: “formar um cidadão crítico e consciente da realidade social em que vive, para poder nela intervir na direção dos seus interesses de classe” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.36).

Esses profissionais evidenciam a possibilidade, de que a apropriação do conhecimento da história do Basquetebol é mais bem absorvida pela fase que compreende o 4º ciclo (ensino médio). Questiona-se essa perspectiva ao indagar até que ponto o processo histórico é aprofundamento ou base para o conhecimento?

O planejamento dessa sistematização precisa ser repensado, de modo que o aluno receba a cada ciclo um conhecimento mais aprofundado do conteúdo, ampliando com isso sua visão de mundo.

A pedagogia crítico superadora proposta por este estudo, como forma de contribuição para o ensino da Educação Física, evidencia que essa disciplina

precisa ser apoiada pela escola, com ações que possam executar uma triagem de conteúdos a serem ensinados, para um eficiente trato com temas da cultura corporal.

Com relação à pergunta 6, foi solicitado aos docentes que descrevessem a forma como ensinam a História do Basquetebol: dos 32 entrevistados, 27 assinalaram formas variadas de incluir esse conteúdo, indo desde pesquisas solicitadas aos alunos, passando pela exibição de jogos e entrevistas, a pequenos comentários ou citando o histórico hegemônico (EUA) dessa modalidade.

Apesar de se perceber uma diversidade na forma como os docentes abordam essa temática, é importante que se perceba, nas estratégias pedagógicas narradas pelos docentes, uma contradição: 14 entrevistados ensinam a história por meio da origem do Basquetebol; 05 entrevistados dizem ensinar a modalidade via a realização de pesquisas com os alunos; 03 entrevistados utilizam DVD's com jogos e entrevistas, 08 entrevistados fazem comentários sobre o Basquetebol e finalmente, 05 entrevistados não ensinam o Basquetebol.

Diante do exposto, é possível perceber que, a maioria dos professores, ao contrário de explicar como ensinam a história do Basquetebol, apenas descrevem como ensinam o Basquetebol.

Assim, apenas 14 professores disseram ensinar a história do Basquetebol. Entretanto, ao se considerar a perspectiva de Santos (2002) percebo que a razão indolente está presente nessa forma de abordagem, pois se considerarmos que a origem do Basquetebol é um conhecimento que está sendo reproduzido (a origem do Basquetebol americano), no entanto, ao tocar o chão da escola, a hegemonia americana permanece, desconsiderando que os sujeitos em suas realidades podem consumir o Basquetebol institucionalizado, mas também podem reinventá-lo, buscando aproximar-se das possibilidades dos alunos. O exemplo do que se mencionou pode ser visualizado no depoimento do professor 1: *“com o auxílio de vídeos, parto da proposta da criação do esporte, “em passos largos” chego à realidade da supremacia americana, pontuando os sucessos do basquete brasileiro.”*

As questões número 7 e 8 têm um fator em comum, foram elaboradas com a intenção de investigar a existência, dentro do grupo de entrevistados, de professores de Educação Física que detenham algum conhecimento, relacionado à pessoas ou fatos marcantes, que estejam ligados à História do Basquetebol da cidade de Volta Redonda.

Entre os entrevistados, 10 têm algum conhecimento relacionado a momentos importantes dessa história e 22 não detêm tal conhecimento. Porém 24 entrevistados responderam que têm conhecimento das pessoas, que fazem parte dos fatos marcantes, dentro da história do Basquetebol de Volta Redonda e 8 deles não conhecem as pessoas envolvidas com tais passagens.

Assim, é importante enfatizar que, os entrevistados, apesar de terem algum conhecimento sobre fatos marcantes da história do Basquetebol regional ou terem tido acesso às pessoas que participaram dessa história, não exploram esse conteúdo na contextualização de suas aulas, deixando escapar uma oportunidade de relação entre os aspectos local e mundial.

O que se busca explicitar, mais uma vez, é a contribuição que se pretende, com o produto defendido por esta dissertação, reiterando a história local do Basquetebol como uma possibilidade de compreensão da realidade vivida.

Os dados apresentados pelos professores entrevistados nos servem como indícios (GUINSBURG, 1989), de que o esporte praticado na escola é uma reprodução do basquetebol institucionalizado, ficando subalternizado o esporte da escola.

Para Ginzburg (1989) o paradigma venatório, caracterizado pela valorização dos dados aparentemente insignificantes que, possivelmente, foram desconsiderados e desprivilegiados pela perspectiva hegemônica, torna-se “credível”, ou seja, resgatando as práticas singulares, proporcionando outros conteúdos para a educação física escolar. Dessa forma é possível elaborar aulas mais significativas, tanto para os professores quanto para os alunos.

Depois de uma investigação, na relação do conhecimento dos profissionais de Educação Física com a história local e seus personagens, procurou-se descobrir

qual seria a opinião dos entrevistados em relação à inserção dessas informações em suas aulas.

A questão número 9, (Seria importante para as aulas de Educação Física, um material teórico, em forma de DVD, com os fatos e personalidades que fazem parte da história do basquete de Volta Redonda?), foi construída na intenção de investigar a opinião dos profissionais entrevistados, em relação à importância desse material.

A pesquisa mostra que 31 professores percebem a importância desse material pedagógico, que prioriza a construção de um produto a partir de depoimento oral contribuindo para a área da Educação Física.

O Coletivo de autores (1992, p. 48) expõe que: “o esporte abrange códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e pratica”. Sua análise deve ser pensada sob vários aspectos, para que sua inserção, pedagogicamente coerente, possa transformá-lo no esporte da escola e não mera prática com outros fins.

Neira e Nunes (2008) reforçam esse pensamento quando citam que um conhecimento organizado e construído durante o processo educativo, deve levar em consideração os aspectos do conhecimento histórico, pertencente ao patrimônio da humanidade, somado ao conhecimento social, fruto da experiência de outros indivíduos ou grupos e ainda o conhecimento prático, advindo da experiência real do próprio grupo e da cultura escolar.

Costa (1995) corrobora esclarecendo que o professor de Educação Física deve estimular o aluno a desenvolver seu potencial afetivo, cognitivo e psicomotor. Essa iniciativa pode ser por meio do jogo ou do esporte que são potencialidades necessárias para todos os momentos da vida. Explorar o esporte de outras formas, estimula o lado afetivo e cognitivo, entendendo essa prática e a sua contribuição por intermédio de sua origem, cujo conteúdo a ser ensinado ou praticado pode ter outro significado.

Com relação à questão 10 (Suas aulas podem ser mais atrativas se você puder contar com um material teórico com a história do Basquetebol de Volta Redonda?), 29 docentes responderam que suas aulas podem se tornar mais atrativas, se puderem contar com um material teórico, onde a história do

Basquetebol de Volta Redonda tenha maior relevância ou significado. Os relatos abaixo demonstram a visão dos entrevistados quanto ao produto:

**Professor 1:** Existe pouca difusão dessa história e o aluno ainda não se identifica com ela. Essa história precisa ser trabalhada e **valorizada em nosso contexto.**

**Professor 2:** Tanto como suporte para o professor quanto para pesquisa dos alunos, pois eles poderão conhecer mais a respeito da **história local.**

**Professor 3:** Sem dúvida, atualmente os alunos são cada vez mais multimídia e **todo material é bem vindo.**

**Professor 4:** Não há dúvidas de que a Educação Física é **carente de materiais didáticos** para o ensino de seus conteúdos.

**Professor 5:** Por mais que eu tenha, em minha vida profissional, escutado falar da história, tenho certeza que não sei nem um terço do que realmente aconteceu em Volta Redonda, que sempre foi uma **cidade de basquetebol.**

**Professor 6:** **Colabora com a metodologia** a ser aplicada, padronizando informações e diluindo confusões.

**Professor 7:** Os **recursos áudio visuais** tem sua importância no ensino aprendizagem.

**Professor 8:** Hoje eu só comento com os alunos alguns acontecimentos históricos relativos à modalidade. Não aprofundo por **não possuir material relacionado com o assunto.**

**Professor 9:** Tudo o que se refere a realidade do aluno, **torna-se atrativo e curioso.**

**Professor 11:** Se nós pudermos contar com este material, com certeza as **aulas serão mais atrativas e com mais sentido.**

**Professor 14:** Se não conhecemos a história daqui, o material seria um **excelente suporte.**

**Professor 18:** O “Acrescentar” só **favorece o processo ensino aprendizagem.**

**Professor 19:** Serve para fazer uma **comparação** do que foi e o que é hoje

**Professor 20:** Seria um **embasamento teórico importante** para a introdução desse tema em minhas aulas.

**Professor 21:** Abre um leque de **conhecimento e atitude metodológico** para o ensino e a cultura da cidade.

**Professor 22:** Precisamos de materiais didáticos que deem **mais estímulo** para os alunos

**Professor 24:** Seria um material que daria **consistência aos comentários**

**Professor 25:** A apresentação em DVD **motiva evidenciar** atletas da cidade, alguns até pais de alunos.

Percebe-se, nos relatos expressos na citação anterior, uma variedade de opiniões perante o questionamento referente à questão 10. Os entrevistados demonstram necessidades e opiniões quanto ao produto proposto por este estudo, pois percebem a importância de valorizar a experiência local, contribuindo para a ampliação do conhecimento, este denominado pelo Coletivo de autores (1992) como evolução espiralada, proporcionando uma aprendizagem significativa.

Portanto, percebe-se diante dos relatos que, o uso desse material, abre possibilidades de interações e conexões com fatos ou fenômenos (estruturas

sociais, cultura, instituições, dentre outros) mais amplos da sociedade, para que os alunos possam compreender a sociedade e o esporte na atualidade.

Em contrapartida a carência de materiais didáticos é um fator de dificuldade para o ensino da história local. Os entrevistados relatam que um suporte teórico em forma de DVD como recurso audiovisual, que dê consistência ao ensino aprendizagem, apresenta-se como colaboração para a metodologia aplicada em aula.

A alternativa de opção referente a não achar o material didático um meio de tornar as aulas mais atrativas, foi escolhida por três entrevistados. Porém seus relatos não descrevem nenhum tipo de opinião contrária à utilização desse material. Pode-se confirmar essa afirmativa nas justificativas dos entrevistados que relatam:

**Professor 1:** Existe pouca difusão dessa história e o aluno ainda não se identifica com ela. Essa história **precisa ser trabalhada e valorizada em nosso contexto.**

**Professor 23:** Dificuldade de material

**Professor 16:** Mais atrativas não, mas acredito que **faz parte passar a história local.**

A questão sobre a particularidade do produto, que se refere à contribuição metodológica para as aulas de Educação Física, foi entendida por todos os entrevistados, pois a questão 11 – Você utilizaria um material teórico, em forma de DVD, com os fatos e personalidades que fazem parte da história do Basquetebol de Volta Redonda, para contextualizar essa modalidade? – revela que esses três profissionais, que não assinalaram para a atratividade do produto, apresentam o mesmo posicionamento dos outros 29, ou seja, incluiriam em sua metodologia o DVD, contendo essas informações e assim teriam a possibilidade de aproximar seus alunos dos acontecimentos do Basquetebol e daqueles vivenciados pelas pessoas nele envolvidas.

Nas considerações de Assis (2010), o mesmo apresenta os entendimentos acerca das imagens para contextualizar as aulas. Dentro das abordagens pautadas na etnografia, este autor destaca que: “recorrer ao uso de vídeos – o vídeo por si só, é documento vivo de uma situação e, como tal, pode ser visto, analisado, discutido, tornando-se mais público do que as anotações de campo.” (p. 34).

O Coletivo de Autores (1992) enfatiza a importância da relevância social dos conteúdos, pois permite compreender o sentido e o significado e assim possibilitar uma reflexão pedagógica dentro da escola. Dessa forma o aluno compreenderá sua posição na sua classe social, pois o mesmo terá a visão concreta da realidade e terá elementos para entender o que influencia os acontecimentos sócio históricos.

Para esse entendimento, a pesquisa procurou obter informações, que possibilitassem a compreensão do trato docente com a história local e verificar a importância da proposta do produto em forma de DVD, como objeto de intervenção na perspectiva desses docentes.

As declarações dos professores ajudaram a apontar os principais motivos pelos quais se abdica da história local, como conteúdo do ensino da Educação Física.

Os professores puderam expressar-se livremente a respeito daquilo que, em suas opiniões, seria importante desenvolver em suas aulas, quando o conteúdo sugerido fosse o basquete e que este proporcionasse uma aula mais significativa e prazerosa.

Ao longo do processo de investigação, pode-se notar que um grupo menor de profissionais de Educação Física, tem a preocupação de explorar as possibilidades históricas do Basquetebol local, mas não encontram literaturas ou materiais didáticos que deem esse suporte.

O esporte deve ser explorado sob todos os aspectos, de uma forma pedagógica que possibilite a aquisição de conhecimentos, como algo que exercite a curiosidade dos alunos, que os mesmos possam buscar as informações com mais autonomia, sem conteúdos impostos ou já estruturados e finalizados. Ao se conceber o esporte “como fenômeno social, tema da cultura corporal, faz-se necessário questionar suas normas, suas condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que o pratica, cria e recria” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.70).

O objetivo desta pesquisa foi provocar nos indivíduos entrevistados a consciência voltada ao teor deste estudo, assim como a outras pessoas que dela

tomem conhecimento. Espera-se que desta forma a relevância do tema seja percebida no processo de transformação social.

Nesse contexto o profissional de Educação Física também pode ser um mediador e possibilitar para o aluno uma visão de historicidade. Dessa forma, refletindo sobre a cultura corporal, o aluno teria uma compreensão da dinâmica das relações sociais nas quais está inserido e, conseqüentemente, seria capaz de intervir na sociedade (NEIRA, NUNES, 2008).



## 7. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO.

Esta dissertação parte da proposta de inserção de um produto, cujo o objetivo é a disseminação de um material didático (DVD), em forma de um documentário, com, aproximadamente, 20 minutos, contendo a história do basquete de Volta Redonda, com sujeitos e passagens marcantes, além de fotos variadas do período mencionado na dissertação.

Este documentário tem a pretensão de contribuir com contextualização das aulas de Educação Física.

A produção deste material didático contou com a participação de uma equipe profissional formada por três cinegrafistas e um diretor de imagens, especializada em filmagens de eventos e elaboração de DVDs, além de sete ex-atletas de basquete. O áudio utilizado no produto foi captado no local das filmagens das entrevistas, ou seja, na arquibancada do Recreio do Trabalhador Getúlio Vargas, com a anuência da referida instituição. Foram utilizados os seguintes equipamentos para captação de imagens: Duas câmeras canon Dslr, dois tripés de câmera, um microfone de lapela sem fio, um slider, Iluminação e um Gravador de áudio.

O trabalho foi submetido à apreciação do COEPS (Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos - **CAAE**: 06959112.2.0000.5237) e os participantes assinaram um termo de autorização para o uso de suas imagens, para que estas possam compor o conteúdo do documentário. Complementando esta informações foram incluídos nesta dissertação, informações encontradas em documentos, que pertencem ao acervo da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional), apresentados nos anexos e apêndices.

O objetivo e intenção do produto é contribuir com a oferta de um documentário, para ser utilizado pelos profissionais de Educação Física da rede pública e privada.

Diante do exposto, cabe elucidar neste momento a metodologia que fundamentou o desenvolvimento do produto.

## 7.1 Metodologia do Produto

O material didático aqui pretendido, DVD com documentário sobre o basquetebol no município de Volta Redonda, utilizou a articulação de três aspectos como percurso metodológico, que não estão separados, mas enredados como se fossem metaforicamente, fios a tecer um tapete.

Recordando Ginzburg (1989), busco salientar que os depoimentos dos sujeitos que tecem essa produção, são como fios de um tapete, que se cruzam na construção de um conhecimento que possibilita apreender nas memórias as singularidades subjetivas: “capacidade de passar imediatamente do conhecido para o desconhecido, a partir dos indícios” (GINZBURG, 1989, p. 41).

Carlo Ginzburg (1989) ao padronizar as variáveis de uma pesquisa sob o ponto de vista indiciário se remete aos fios de um tapete, definido o campo de investigação, o território e o pesquisador (tecelão) na busca dos sinais e pistas que estabelecem um padrão, reunindo informações que permite possíveis interpretações do contexto pesquisado, sustentado pela urdidura dos fios.

No caso deste estudo, a consistência da teia fabricada pelo pesquisador/tecelão é traduzida a partir dos depoimentos dos “velhos” e “percorrendo-se o tapete com os olhos em várias direções” (Ginzburg, 1989, p.170). O tapete é o paradigma ao qual estamos atrelados, a valorização da experiência como conhecimento da realidade social que estamos imersos. Partindo deste pressuposto, valorizamos a memória e a experiência (BENJAMIN, 1994) dos sujeitos que construíram a história local (BOSI, 1994).

Segundo aspecto, utilizamos a história oral, como fonte documental dos fatos sociais ocorridos na história da modalidade esportiva de Volta Redonda.

Para Alberti (2003) a história oral são pistas para se conhecer o passado, as pistas emergem nos depoimentos, pois o passado existiu independente dessas pistas, no entanto, hoje só pode existir por causa delas e de outras. Para o autor, não se deve esquecer que ao tomar a narrativa como a própria realidade, requer considerar que: “quando se opta pelo plural é porque se conclui que todas as

narrativas são “válidas” melhor dizendo, são “versões” e que não cabe ao pesquisador julgá-las” (p. 1).

E por último, e não menos importante, o movimento evidenciado por Santos (2002), tornar credível outras formas de percepção do mundo, combatendo o desperdício da experiência que a sociedade capitalista impõe perante o que ocorreu no passado.

Ecléa Bosi (1994), em seu livro *Memória e Sociedade: lembranças dos velhos*, lança uma reflexão sobre o acúmulo de informações que personagens de uma história tem na sua memória, pois evidencia que estes: “são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara” (p.18). Para a autora, os recordadores, são acima de tudo trabalhadores das memórias, pois a reflexão, compreensão de tudo que se passou “é sentimento, reaparição do feito, do ido, na sua mera repetição” (p. 20).

Assim, a ação metodológica utilizada na constituição do produto foi o depoimento oral, a intenção foi dar a voz ao passado baseando-se na compreensão do “agora” sob a ótica do passado, promovendo uma possível percepção do sentimento dos sujeitos que vivenciaram fatos, ou seja, busca-se uma tentativa de promover a reaparição do que foi realizado ou vivenciado (BOSI, 1994).

Esta compreensão pode estar pautada na narrativa dos sujeitos desta história, oportunidade que esta se perdendo com o passar dos tempos (Bejamim, 1994). Com o mundo acelerado e permitindo que o conhecimento hegemônico, que prioriza saberes, como por exemplo: a escrita de um especialista ou o conhecimento científico (Santos, 2002), a história local pode estar sendo impulsionada para o esquecimento.

Bosi (2003, p. 24) apud Benjamin (1994) comenta que a sociedade moderna industrial “multiplica horas mortas que apenas suportamos: são tempos vazios das filas, dos bancos, da burocracia, preenchimento de formulários”, dentre outros afazeres que não valorizam o passado. No entanto, o mesmo autor menciona que o tempo biográfico, dentro da história cronológica, possui outra história “mais densa de

substância memorativa no fluxo de tempo” (p. 23), que necessita ser visibilizada para se contrapor a essa cultura do esquecimento.

Assim, o depoimento oral, nos permite evitar que esta situação (desperdício da experiência) reflita em consequências da invisibilização das memórias, ou como fala Bosi (1994, p. 18): “a incompetência ou incapacidade do velho”, como alguém que resguarda conhecimentos da história local.

Neste sentido, se faz necessário um intercâmbio de experiências vividas e sentidas, pois a propagação dos principais acontecimentos de hoje, contribui para o declínio das informações do passado. Assim, seus vestígios estão presentes de muitas maneiras nas coisas narradas, seja na qualidade de quem as viveu, seja na qualidade de quem as relata (BENJAMIN, 1994).

O autor completa este pensamento quando diz:

A recordação de um evento passado é, em certo sentido, uma internalização do evento: por assim dizer, o evento está em mim e, não, a alguma distância de mim no espaço e no tempo. Mas, para recordar um evento, eu devo, na época do evento, tê-lo internalizado e adquirido uma lembrança dele que pode ser mais tarde lembrada; essa lembrança é menos internalizada por minha recordação do que externalizada, dragada da minha memória (p. 22, 1994).

Partindo das observações de Benjamin e na recordação possível de ser dragada pela memória, é que decidimos pelo uso da história oral como um método investigativo para construir o DVD (produto). Outra justificativa para a utilização do referido método é a possibilidade de dirigir o foco da pesquisa e do produto para além daquilo que os documentos oficiais (hegemônicos) dizem, “e sim para as versões que aqueles que participaram de, ou testemunharam, tal trajetória podem fornecer sobre o assunto” (ALBERTI, 2005, p. 30).

Portanto, ao optar pela história oral na confecção do documentário, nos deparamos como o primeiro desafio: a escolha dos entrevistados. Alberti (2005, p. 31) comenta que a “história oral não constitui um fim em si mesma”, pois a existência de entrevistados não justifica sua escolha. Ao salientar tal aspecto, o autor reitera a necessidade de que a escolha seja guiada pelos objetivos da pesquisa, a posição do entrevistado no grupo, pelo significado de sua experiência: “convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se

inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos” (p. 32).

Seguindo essas orientações, definimos como sendo o primeiro entrevistado, o professor e ex-atleta Libiano Abiatti. O referido entrevistado foi escolhido por ter sido um expoente no basquetebol e incentivador da referida modalidade no município como atleta e como técnico.

Ao partir do professor Libiano, buscamos construir uma rede de entrevistados seguindo os indícios, as pistas, os sinais (GINZBURG, 1989) de fios que ligassem a experiência do referido docente a outros atores sociais que participaram das ações investigadas na pesquisa (História do Basquetebol em Volta Redonda).

Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de elos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas (GINZBURG, 1989, p. 151).

A decisão de seguir as pistas foi uma articulação entre o Paradigma Indiciário e a História Oral, pois como menciona Alberti (2005), novos atores podem surgir a partir do estudo detalhado dos documentos sobre o assunto ou as entrevistas podem fazer emergir novos atores sociais que participaram de tais fatos investigados.

Assim, fomos levados ao encontro dos seguintes atores sociais: Bruno Tessarolo, Ivo de Freitas Barboza, Guilherme Severino, Renato Santini (ex-atleta com participações em campeonatos estaduais e nacionais e atualmente atuando como administrador), Jamil Gedeão (ex-atleta com participações na seleção brasileira, oficial reformado do exército brasileiro e atualmente vivendo no Rio de Janeiro como aposentado), Carlos Roberto Mehl de Almeida (Professor de Educação Física, ex-atleta e atualmente empresário na área de fitness) e Waldner Britto (Durante muitos anos acompanhou atletas e equipes de basquete, como supervisor técnico).

Todos os atores citados tem um envolvimento como companheiros de equipe de Libiano Abiatti, como componentes ou dirigentes de equipes comandadas por ele ou começaram sua vida no basquete, durante o período escolhido por este estudo.

Outro aspecto importante a ser mencionado e que diz respeito a ação metodológica foi a escolha do local das entrevistas. Alberti (2005) comenta que o local estabelecido para a entrevista deve ser escolhido em comum acordo entre o pesquisador e o entrevistado e de “preferência em cômodo reservado no qual outras pessoas não tenham acesso durante a entrevista, permitindo assim o maior silêncio possível” (p. 107).

No entanto, rompendo com a sugestão de tal autor, optamos pela realização das entrevistas no Ginásio Recreio do Trabalhador Getúlio Vargas, pois como comenta Bosi (2005) “as lembranças se apoiam nas pedras das cidades” (p. 71). Se a espacialidade possui a capacidade de promover no sujeito a sua condição de ser no mundo, “a memória escolhe lugares privilegiados de onde retira sua seiva” (p. 71).

Considerando o exposto pela autora, nos remetemos ao ginásio na tentativa de estimular a memória de fatos vividos no Basquetebol, uma vez que o referido ginásio fora, por longo período, a referência esportiva no município: “cada geração tem de sua cidade, a memória de acontecimentos que são pontos de amarração de sua história de vida” (BOSI, 2003, p. 70).

Outra ação utilizada durante as entrevistas, na tentativa de fazer os entrevistados recordarem dos fatos sociais, foi o uso da iconografia: fotografias, imagens de jornais, reportagens, dentre outros.

A intenção foi o reconhecimento, como diria Bosi (1994), de que nossa memória ou nossas ideias foram originadas em conversas com outros. A autora parte do pressuposto de que essas memórias foram inspiradas nos diálogos estabelecidos com outras pessoas. No decorrer do tempo elas adquirem um significado em nosso interior, sendo acompanhadas por embates e experiências: “parecem tão nossas que ficaríamos surpresos se nos dissessem o seu ponto exato de entrada em nossa vida” (p. 407). Assim, as imagens foram usadas para despertar

sentimentos, emoções vividas pelos sujeitos em sua história de vida articulada ao Basquetebol.

Retomando o caminho metodológico percorrido para a elaboração do produto, nos deparamos com a elaboração do roteiro de entrevistas. Para Alberti (2005) a entrevista pode ocorrer por intermédio de duas vertentes: a entrevista temática e a entrevista de história de vida.

A entrevista temática se estrutura a partir da relação do entrevistado com o tema escolhido e a história de vida tem como centralidade o próprio entrevistado na história, da infância aos diversos acontecimentos que presenciou, vivenciou ou se inteirou.

O autor salienta que o uso de uma ou outra vertente depende do objetivo de cada pesquisa. Porém, o autor também reitera que, é possível que em determinado estudo sejam escolhidos ambos como forma de trabalho, não impedindo que algumas entrevistas “sejam mais longas com história de vida de pessoas consideradas especialmente representativas ou cujo envolvimento com o tema seja avaliado como mais estratégico” (p. 38). É importante frisar que a referida investigação se utiliza do entrelaçamento entre a entrevista temática e história de vida.

Com relação à elaboração do roteiro de entrevistas, Alberti (2005) menciona a necessidade de um roteiro individual, pois ao considerar o entrelaçamento entre a entrevista temática e a história de vida, houve a necessidade de se considerar a biografia do entrevistado, conforme realizado com o Libiano, e para os outros entrevistados além da biografia o cruzamento com outras fontes documentais e o roteiro geral: “decorre do cruzamento do roteiro geral como os resultados da pesquisa biográfica sobre o entrevistado.

O roteiro geral tem a dupla função de sistematização dos dados levantados durante a pesquisa e serve de base para os roteiros individuais. Já o roteiro individual, decorre do cruzamento do roteiro geral com os resultados da pesquisa biográfica sobre o entrevistado: “cruzamento entre o que há de particular aquele

sujeito e o geral a todos os que foram listados, isto é, aquilo que se constitui, ao longo da pesquisa, no conhecimento sobre o tema” (p. 92).

Assim, para a entrevista realizada com o ex-atleta e professor Libiano, o roteiro individual, foi mais enfatizado, por ter sido o primeiro a ser entrevistado e o mais significativo dentre os atores pelo seu reconhecimento no cenário regional, estadual e nacional. Posteriormente, os outros roteiros de entrevistas foram realizados no diálogo entre a história de vida, e o roteiro geral, articulado às entrevistas realizadas e os dados obtidos no processo investigativo.



## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dissertação ora apresentada buscou compreender os pressupostos teóricos da racionalidade moderna e as consequências no ensino da Educação Física Escolar, mais especificamente do ensino do Basquetebol na rede municipal de Volta Redonda.

Inicialmente nos debruçamos no que Santos (2002) denomina como desperdício da experiência e suas consequências no ensino da história do basquetebol. Como o estudo trata da história local, nos resultados apresentados, nos deparamos com informações e relatos que visibilizam os sujeitos e suas experiências dentro da referida modalidade.

Parece-nos que para a ciência moderna e a razão indolente, a história do basquetebol de Volta Redonda não existe, pois ela não pertence ao conhecimento hegemônico. Esta imposição ignora o que foi vivido dentro de algum fato, a contribuição das narrativas e imagens para o processo de aprendizagem e, acima de tudo, ignora os sujeitos e acontecimentos que fizeram parte da construção desta história local.

Na tentativa de contribuir com a superação da razão indolente e ao desperdício da experiência, buscamos salientar a importância em provocar uma ruptura com a barreira imposta pelo conhecimento hegemônico. A inserção, no processo de ensino e aprendizagem, de outras informações referentes ao Basquetebol pode proporcionar outro entendimento sobre como o docente ensina a referida modalidade e como propõe o desenvolvimento da prática do Basquetebol.

Os resultados apresentados no questionário aplicado aos profissionais de Educação Física demonstraram, que alguns só ensinam o que o conhecimento hegemônico proporciona. Eles justificam este posicionamento metodológico apontando para alguns fatores como a falta de conhecimento da modalidade ou a ausência de literaturas com informações mais específicas.

Diante do exposto, o ensino do Basquetebol, nas escolas de Volta Redonda, pode ter um maior significado se for inserido o que esta modalidade apresenta de história a nível local. Os alunos poderiam desfrutar do que ocorreu no passado e estes acontecimentos servirem de incentivo para possíveis práticas em suas vidas.

Neste sentido, uma contribuição para esta situação, pode estar em buscar a inclusão da história local nos conteúdos de Educação Física, assim as aulas poderiam se tornar mais significativas, por ter um diálogo com o espaço em que estão inseridos. Os alunos poderiam mergulhar nas histórias de vida de personagens que pertenceram à construção da memória dessa modalidade esportiva na cidade onde vivem.

Neste sentido as relações com as memórias e experiências podem dar outro significado no processo de ensino e aprendizagem do basquetebol a ser reinventado no cotidiano das escolas. Contextualizar o ensino com estas informações torna este saber visível, pois a história local pode acrescentar significados na vida do aluno e passa a ser uma estratégia metodológica com algo criado pela escola e não algo dependente de práticas da escola.

Estas práticas sempre estiveram configuradas aos sistemas nacionais, com características especificadas pela sociedade da época. Apesar de existirem inúmeras abordagens, com suas particularidades da época, o que as literaturas demonstram é domínio do conhecimento hegemônico, outros saberes eram excluídos e se evidenciava o que o conhecimento científico determinava.

Ao propormos um entendimento, sobre as práticas relacionadas à cultura corporal, foi preciso ater-se às considerações, de alguns autores, sobre a “herança” que a Educação Física recebeu das abordagens higienista, militarista e competitivista, estas priorizando o desenvolvimento da aptidão física, higiene e formação moral dos trabalhadores.

Subsequente a este período vieram os movimentos renovadores, baseados em teorias e concepções que pretenderam desprender-se das abordagens iniciais. A abordagem Crítico Superadora e sua relação com aspectos históricos e sociais foi o eixo principal deste estudo, para obter-se o entendimento de como a história local é

tratada, e como os profissionais se preocupam com o resgate destes acontecimentos e se eles percebem a importância desta apropriação por parte dos alunos.

O estudo nos apontou dados que confirmam dificuldades em levar estas informações para os alunos. A estratégia de alguns é optar por transmitir o que o conhecimento hegemônico prioriza e outros oportunizam aos seus alunos, apenas o conhecimento prático. Em contrapartida, surgiram aqueles que entendem a importância de se resgatar a história local, mas esbarram na falta de um material didático.

Isto nos leva a crer que a presença de um documento, com estes conteúdos, pode romper a barreira do conhecimento hegemônico e paralelamente visibilizar sujeitos e acontecimentos do basquetebol de Volta Redonda. Desta forma é possível buscar novas formas de ensinar o basquete, incluindo a história do basquete local.

Percebe-se a necessidade de buscar estratégias, que possibilitem aos nossos alunos, o reconhecimento do que foi e do que esta sendo produzido a nível local, desta forma o esporte desenvolvido na/da escola pode proporcionar experiências e apresentar-se com outro significado.

A pesquisa realizada por esta dissertação demonstrou que os profissionais de Educação Física precisam desenvolver formas de entender a realidade em que seu aluno esta inserido, para em seguida utilizar elementos que contextualizem os conteúdos ensinados e a partir deste tratamento o aluno poderá ser um meio de intervir na realidade.

Assim, a contextualização do conteúdo a ser ensinado nas aulas de Educação Física pode ser desenvolvida por intermédio da história local, garantindo ao aluno o acesso a conteúdos invisibilizados, mas que trazem em seu bojo experiências do basquetebol atreladas ao município de Volta Redonda em sua relação com o país em determinadas temporalidades. Portanto, atrelada ao viés proposto pela abordagem Crítico Superadora, esta dissertação propõe uma articulação dos conteúdos da Educação Física com o conhecimento historicamente produzido pelo Basquetebol de Volta Redonda, podendo proporcionar novas formas

de compreensão da realidade para as práticas atuais desta modalidade nas escolas de Volta Redonda.

## 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Narrativas na história oral. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA {22.: João Pessoa, PB). Anais eletrônicos. João Pessoa, PB: ANPUHPB, 2003. 10f.

\_\_\_\_\_. **Manual da História Oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALVES, Marcelo Paraíso. **Lazer Operário e Alienação (Volta Redonda 1951 a 1956)**. Vassouras, 2001.143 f. Dissertação (Mestrado em História) – Coordenadoria de Pós-Graduação, Programa de Mestrado em História, Universidade Severino Sombra, 2001. p.125.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da Educação**. 2. ed. São Paulo, Moderna, 1996.

ASSIS, de Oliveira, Sávio. **Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica** – 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, chancela editorial CBDE, 2010. – (Coleção Educação Física e esportes)

BARROS, José D' Assunção. **Sobre a feitura da micro-história**. OPSIS, vol. 7, nº 9, jul-dez 2007.

BRETAS, Ângela. **Nem só de pão vive o homem: criação e funcionamento do Serviço de Recreação Operária**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010a.

BARBIERI; PORELLI; MELLO. **Abordagens, Concepções e Perspectivas de Educação Física quanto à Metodologia de Ensino nos Trabalhos Publicados na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (Rbce) em 2009** Motrivivência Ano XX, Nº 31, P. 223-240 Dez./2008

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense,1994.

BRACHT, Valter. **A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física**. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, Agosto/99

BRACHT, Valter. **“A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista”**. In: Revista Brasileira de ciências do esporte. v.7(2), p.62-68, 1986.

BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução**. Ijuí, RS: Unijuí, 2003.

BRANDI, Paulo. **Vargas: Da vida para a História**. Rio de Janeiro: ZAHAR editores, 1983.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos**. 3.ed. – São Paulo: Companhia de Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BUSSO, Gilberto Leandro; VENDITTI JÚNIOR, Rubens. **Sistematização epistemológica da Educação Física brasileira: concepções Pedagógicas Crítico-superadora e Crítico-Emancipatória**. Revista Digital Efdeportes – Buenos Aires – Ano 10 – nº 83 – Abril 2005

CAPARROZ, Francisco Eduardo. **Entre a Educação Física na escola e a Educação Física da escola: a Educação Física como componente curricular**, 2ª Edição - Campinas: Autores Associados, 2005

CASTELLANI FILHO, Lino, **Educação Física no Brasil: A História que não se conta**. 9 ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

\_\_\_\_\_. **Projeto de reorganização da trajetória escolar no ensino fundamental: uma proposta para a Educação Física**. Revista da Educação Física/UEM. V.8, n.1, p. 11-19, 1997.

CELANTE, Adriano Rogério. **Educação Física e cultura corporal: uma experiência de intervenção pedagógica no ensino médio** - Campinas, SP: [s. n.], 2000.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica** 5ª Edição – São Paulo: Prentice Hall, 2002

CHAVES e SILVA, **Aproximações sobre prescrições e práticas corporais nos Grupos escolares de Pirapora, Januária e Salinas: a educação dos corpos sertanejos**. Revista História e Cultura, Franca-SP, v.1, n.1, p.99-118, 2012

COSTA, Gilbert Coutinho. **Implicações históricas da representação social da educação Física Escolar no Brasil**. Niterói, 1995.253 p. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal Fluminense.

CRUL, Sandra Regina, OLIVEIRA, Rogerio Massarotto, MARTINELLI, Telma Adriana Pacífico. **O Ensino do atletismo inserido na metodologia crítico-superadora: Análises a partir da realidade escolar**. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Programa de Desenvolvimento Educacional - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. 2009

CURY, Carlos Roberto Jamil. **A Educação Básica como direito**. Cadernos de Pesquisa, v. 38, n. 134, maio/ago. 2008

DAOLIO, Josimar. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas, SP; Autores Associados, 2004. – (Coleção polêmicas de nosso tempo)

DARIDO, Suraya Cristina; **Educação Física na Escola – Questões e Reflexões**, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003

DESLANDES, Suely Ferreira. GOMES, Romeu. MINAYO, Maria Cecília de Souza (Organizadora). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 32. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

GLOMB M. A. P. e FUGGI, **A ginástica Geral na educação escolar infantil: uma experiência com projetos**. In Anais I fórum Internacional de Ginástica Geral, 2001 p. 107-111

FAUSTO, Boris, **A Revolução de 1930: historiografia e história**. São Paulo: Brasiliense, 1972

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica** – 3. Ed. Ver. – Campinas, SP: Autores associados, 2005. – Coleção educação contemporânea)

GINZBURG, C. **Sinais: Raízes de um paradigma indiciário**. In: \_\_\_\_\_ **Mitos, Emblemas e Sinais**. Morfologia e História. Tradução Federico Corotti. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GHIRALDELLI JUNIOR P. **Educação Física Progressista – A Pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física Brasileira**. 3ª ed., São Paulo: Editora Loyola, 1994

\_\_\_\_\_. **História da educação**. 2ª ed. rev. São Paulo: Cortez, 1994.

GOMES, Angela M. de Castro. **Cidadania e direito do Trabalho**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

GOMES, Joe. **Teoria e prática multicultural: subsídios para formação continuada do Professor de Educação Física** / Joe Gomes. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. 125f.

IANNI, Otavio. **A formação do proletariado rural no Brasil**. In: STEDILE (Org.). A questão agrária no Brasil: o debate da esquerda: 1960-1980. São Paulo: Expressão popular, 2005. P. 127-144.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6 ed. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2004.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**. 2º Edição, Campinas, S.P. : Papiros, 1986.

MAGALHÃES, F. **Breve histórico da Educação Física e suas tendências atuais a partir da identificação de algumas tendências de ideais e idéias de tendências.** Revista da Educação Física/UEM Maringá, v. 16, n. 1, p. 91-102, 1º sem. 2005.

MARQUES, Gabriel Rodrigues Daumas. **História e Historiografia da Educação do Corpo e do Ensino de Educação Física em Instituições Educacionais e Legislações de Ensino do Período Republicano.** Motrivivência Ano XXII, Nº 35, P. 316-329 Dez./2010.

METODOLOGIA DO ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA/coletivo de autores. – São Paulo: Cortez, 1992. – (Coleção magistério. 2º grau. Série formação de professor)

MILEO, Thaisa Rodbard KOGUT, Maria Cristina. **A Importância da Formação continuada do Professor de Educação Física e a Influência na Prática Pedagógica.** IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Brasileiro de Psicopedagogia. 2009. P. 4943 – 4952.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 12.ed. – São Paulo: Hucitec, 2010

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA, **Resolução nº 3, de 15 de junho de 2010**

NASCIMENTO, CAROLINA PICCHETTI, **DANTAS, LUIZ EDUARDO TOURINHO, PINTO BASTOS. O Desenvolvimento Histórico- Cultural da Criança nas aulas de Educação Física: Possibilidades de Trabalho a partir da Atividade Principal e dos temas.** Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 31, n. 1, p. 147-161, setembro 2009.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mario Luiz Ferrari. **Pedagogia da Cultura Corporal: crítica e alternativa.** – 2ª ed. – São Paulo: Phorte 2008

OLIVEIRA, A. A. B. **Metodologias emergentes no ensino da Educação Física.** Revista da Educação Física / UEM, Maringá, Brasil, v. 1, n. 8, p. 21-27, 1997.

PAZIN, Nailze Pereira de Azevêdo. **Do esporte para todos à constituição de uma pedagogia corporal no Brasil (1970-1985).** Universidade Federal de Santa Catarina Florianópolis. 2004

**PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Educação Física** – Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília. MEC/SEF, 1997

PELEGRINI, Thiago. **Educação Física, Ciência e Hegemonia : uma análise das políticas públicas para o ensino superior e para a pós-graduação.** Maringá: Dissertação de Mestrado defendida no PPE/UEM, 2008.

PERES, Giani **As Implicações da Educação Física no Âmbito Escolar.** Rev. online Bibl. Prof. Joel Martins, Campinas, SP, v.2, n.2, p.231-243, fev. 2001



ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação Física no Brasil (1930/1973)**. 22. Ed., Petrópolis: Vozes, 1999

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma pedagogia do conflito**, in: L. SILVA, J.AZEVEDO, e E. SANTOS. **Novos mapas culturais – Novas perspectivas Educacionais**, Porto Alegre: Sulina, 1996

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. 4ed, - São Paulo: Cortez, 2002

\_\_\_\_\_. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 29ª Ed. Campinas: Autores Associados, 1995.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações**. Coleção educação contemporânea, 9. ed - Campinas: Autores Associados. 2005.

SHIKIDA e SHIKIDA. **É o futebol o ópio do povo? Uma abordagem econômica preliminar**. Ibmec MG Working Paper – WP19. Belo Horizonte, 2004.

SILVEIRA, Guilherme Carvalho Franco; PINTO, Joelcio Fernandes. **Educação Física na perspectiva da cultura corporal: uma proposta pedagógica**. Revista Brasileira de Ciência do esporte, V. 22, nº 3, p. 137-150, maio 2001.

SOARES, Carmen Lúcia. **Imagens da educação no corpo: escudo a partir da ginástica francesa no século XIX**. Campinas: Autores Associados, 1998.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física: Raízes Européias e Brasil; prefácios Denise Bernuzzi de Sant'Anna, Dulce Maria Pompêo de Camargo e Heloisa Helena Pimenta Rocha – 4ª Ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2007. – (Coleção educação contemporânea)**

SOUSA, Diego Petyk, PELEGRINI, Thiago. **A contribuição da Educação Física para a concretização do projeto educacional da ditadura militar brasileira (1964 - 1971)**, 4º CONPEF – Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar – Universidade Estadual de Londrina – 2009.

SOUZA, BARBOZA, LORENZINI, GUIMARÃES, SAYONE, FERREIRA, PEREIRA, FRANÇA, TAVARES, LINDOSO, SOUSA. **COLETIVO DE AUTORES: A CULTURA CORPORAL EM QUESTÃO**. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 391-411, abr./jun. 2011

SOUZA, Rafael Ramalho de. **O Ensino de História Local – História da Paraíba na cidade de Sapé: notas introdutórias**. Guarabira: UEPB, 2012.

STIGGER, Marcos Paulo. **Educação Física, esporte e diversidade**. – Campinas, SP: Autores Associados, 2005. – (Coleção Educação Física e esportes)

STIGGER, Marco Paulo. **Multiculturalidade e educação: do desporto na escola para o desporto da escola**. Educação, Sociedade e Cultura. Nº 12, 1999. (pág. 63-84)

TABORDA, Marcus Aurélio de Oliveira. **Políticas públicas para a Educação Física Escolar no Brasil durante a ditadura militar: uma só representação?**. Perspectiva. Florianópolis, v.21, n.01, p. 151-178, jan./jun.2003

VAGO, Tarcísio M. **Um olhar sobre o corpo**. Presença pedagógica ano 1. nº 2 Belo Horizonte Março\Abril, 1995 p 65-70

\_\_\_\_\_. **"Rumos da Educação Física Escolar: O que foi, o que é, o que poderia ser"**. In: Anais do II Encontro Fluminense de Educação Física Escolar. Niterói: Depto. de Educação Física e Desportos, Universidade Federal Fluminense, 1997.

VAGO, Tarcísio M. **Início e fim do século XX: Maneiras de fazer Educação Física na escola**. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, Agosto/99

VAGO, T. M. **Cultura escolar, cultivo de corpos: Educação Física e Gymnástica como prática construtiva dos corpos de crianças do ensino público primário de Belo Horizonte (1906 – 1920)**. Educar, Curitiba, n. 16, p. 121-135. 2000. Editora da UFPR

VILELA, Silvio Henrique. **O Corpo na história (A Educação Física em Volta Redonda de 1664 a 1985)**. Vassouras: Universidade Severino Sombra, 2004.

WEFFORT, Francisco. **O Populismo na política Brasileira**, Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2003

## 10. ANEXOS

### Anexo 1

1. O Basquetebol faz parte do seu conteúdo de ensino?

( ) sim                      ( ) não

2. O currículo mínimo nos sugere, dentro do eixo esportes, levar o aluno a conhecer a história das modalidades. Seria possível ensinar o basquetebol, por meio da história local?

( ) sim                      ( ) não

Justifique.

---

---

---

---

---

3. Se sua resposta foi não, o que dificulta o ensino do basquetebol, por meio da história local?

4. A história local deve ser incluída no conteúdo das disciplinas de Educação Física?

( ) sim                      ( ) não

Justifique

5. Em que momento do ensino fundamental é ensinada a história do basquete de Volta Redonda?

( ) no 6º ou 7º ano

( ) no 8º ou 9º ano

no ensino médio

nenhuma

6. Descreva com você ensina a História do basquetebol

7. Você tem conhecimento dos fatos marcantes dentro da história do basquetebol de Volta Redonda?

sim                       não

Quais?

8. Você tem conhecimento das pessoas que fazem parte dos fatos marcantes dentro da história do basquetebol de Volta Redonda?

sim                       não

Cite alguns dos nomes conhecidos:

9. Seria importante para as aulas de Educação Física, um material teórico, em forma de DVD, com os fatos e personalidades que fazem parte da história do basquete de Volta Redonda?

sim                       não

10. Suas aulas podem ser mais atrativas se você puder contar com um material teórico com a história do basquete de Volta Redonda?

sim                       não

Justifique:

11. Você utilizaria um material teórico, em forma de DVD, com os fatos e personalidades que fazem parte da história do basquetebol de Volta Redonda, para contextualizar esta modalidade?

sim                       não

Questionário direcionado aos entrevistados e personagens do documentário

- 1) Como foi seu início no basquete?
- 2) O que influenciou seu início na prática do basquete?
- 3) Como era o basquete e suas atividades escolares?
- 4) Como era o basquete e sua vida profissional?
- 5) Qual era a importância do basquete na cidade de Volta Redonda?
- 6) Como foi a reação dos atletas com o aprendizado do Jump que o Libiano trouxe para o basquete de Volta Redonda?

## Anexo 2

## ATAS DE REUNIÕES PESQUISADAS

- RD/ 385/ 00.902 – 7/05/1947 – Concessão de Cr\$ de 1.000, 00 à representação da C.S.N. à primeira Olimpíada dos Trabalhadores.
- RD/ 389/ 00.90 – 10/05/1947 – Designa um representante para o conselho fiscal do Clube dos Funcionários de Volta Redonda.
- RD/ 142/ 10.09 – 02/06/1947 – Contribuição mensal ao Círculo Operário de Volta Redonda.
- RD/ 459/ 00.902 – 02/07/1947 – Amplia a concessão de mais Cr\$ 1.375,00 para a Primeira Olimpíada dos Trabalhadores.
- RD/ 470/ 00.90 – 15/07/1947 – A Liga de Desportos de Volta Redonda solicita à C.S.N. que sejam concluídas as obras da Praça de Esportes do Jardim Paraíba.
- RD/ 594/ 00.90 – 03/10/1947 – Sider Clube, comunica a C.S.N. a fundação dessa Associação de Funcionários e a aprovação dos seus estatutos, e solicita o apoio da C.S.N.. Igualmente solicita a C.S.N. o pedido para usar o emblema adotado pela empresa.
- RD/ 612/ 00.90 – 18/10/1947 – Auxílio a Liga de Desportos de Volta Redonda.
- RD/ 858/ 00.90 – 18/10/1947 – A Liga de Desportos solicita a liberação de dezoito atletas  
  
(funcionários), para participar do Campeonato Fluminense de Voleibol, e a ajuda de custo de Cr\$ 6.000,00.

- RD/ 918/ 00.90 – 27/04/1948 – Liberação de verba para construção do Estádio de Volta Redonda – Cr\$ 883.000,00.
- RD/ 930/ 06.05 – 10/05/1948 – Solicitação do Clube Umuarama para a isenção das taxas de água e esgoto.
- RD/ 933/ 15.00 – 10/05/1948 – Solicitação do Clube Umuarama para reforma da sua quadra de Basquetebol.
- RD/ 959/ 00.90 – 26/05/1948 – Convênio entre o Sider Clube e a C.S.N. para a Colônia de Férias.
- RD/ 967/ 00.90 – 28/05/1948 – Carta da Liga de Desportos de Volta Redonda, expondo o relatório de participação da representação da C.S.N. na segunda Olimpíada Operária e solicita a continuidade das atividades.
- RD/ 1029/ 00.90 – 06/07/1948 – Auxílio de Cr\$ 8.854,00 para construção do prédio do Clube dos Funcionários.
- RD/ 1126/ 00.90 – 09/10/1948 – Subvenção para a construção da arquibancada do Guarani Sport Club.
- RD/ 1312/ 00.90 – Concessão de subvenção para o Círculo Operário – mensal Cr\$ 10.000,00.
- RD/ 3106 – 05/09/1951 – Libera a construção do R.T.G.V..
- RD/ 3137 – Processo 27752 de 14/09/1951 – Círculo dos Operários solicita a construção de um jardim público na Praça Brasil.
- RD/ 3.188 – 05/10/1951 – Construção da piscina olímpica do Recreio do Trabalhador.

- RD/ 3195 – 05/10/1951 – Auxílio de Cr\$ 50.000,00 para o Aero Clube.
- RD/ 3602 – 08/02/1952 – Subvenção ao Sider Club.
- RD/ 3603 – 08/02/1952 – Subvenção aos clubes: Funcionários, Aero Clube, Umuarama, Sider Club.
- RD/ 5085 – Subvenção Moto clube.
- RD/ 5131 – 07/08/1953 – Participação dos jogos no Vale do Paraíba.
- RD/ 5185 – 28/08/1953 – Participação no Campeonato Fluminense de Futebol.
- RD/ 5208 – 30/09/1953 – Autorização para participação dos Jogos Abertos do Vale do Paraíba.
- RD/ 5621 – Dissolução do Umuarama e Funcionários.
- RD/ 5437 – 16/10/1953 – Equipamento do R.T.G.V. Cr\$ 1 000 000,00.



**FICHA CATALOGRÁFICA**

Bibliotecária:Alice Tacão Wagner - CRB 7/RJ 4316

B862hBritto, Marcelo Dantas de.

História do basquetebol em Volta Redonda: o vídeo como metodologia nas aulas de  
educação física./Marcelo Dantas de Britto. - Volta Redonda: UniFOA, 2014.

105p.: II

Orientador(a): Marcelo Paraiso Alves